

Compartilhando espaços, aprendendendo a coabitar:

etnografia sobre as relações entre
humanos e macacos-prego no Parque
Nacional de Brasília (PNB)



M A R I A N A M A C H A D O

2 0 1 9



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA - DAN

Compartilhando espaços, aprendendo a coabitar: etnografia sobre as relações entre humanos e macacos-prego no Parque Nacional de Brasília (PNB)

Mariana Machado e Silva

2019

BRASÍLIA

2019

MARIANA MACHADO E SILVA

Compartilhando espaços, aprendendo a coabitar: etnografia sobre as relações entre humanos e macacos-prego no Parque Nacional de Brasília (PNB)

Monografia apresentada junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá – DAN/UnB

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme Moura Fagundes – DAN/UnB

Profa. Dra. Graciela Froehlich - DAN/UnB

Prof. Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos – DAN/UnB (Suplente)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Nana, motivo e inspiração para realizar essa pesquisa. Te amo!

Ao meu pai Guilherme, por me apoiar e sempre ficar orgulhoso das minhas vitórias.

A minha avó Regina, por desde pequena me ensinar a amar os animais e por sempre me lembrar de quem eu sou. Você é uma pessoa incrível, vovó!

A minha irmã Manuela, que essa monografia seja um pedacinho de mim que te inspire nas suas escolhas de vida.

Ao Victor Freire, meu amor, obrigada por toda ajuda na caminhada, por me apoiar em todos momentos de incerteza e dificuldade, por cuidar e acreditar em mim e por todo amor incondicional que tem me dado há quase 3 anos. Eu amo você e eu amo a nossa vida juntos!

Ao José Souza, meu melhor amigo, se eu pudesse colocaria seu nome em cada linha dessa monografia por toda ajuda, conselho, sugestões e apoio que você me deu a cada passo que eu dei. Você é incrível!

A Lizandra Gallindo, Camila Leotti e Beatriz Ribeiro, minhas amigas-irmãs, obrigada por acreditarem em mim, por toda paciência em me ouvir nos meus desabafos e angústias da escrita e por serem sempre um pilar tão importante da minha vida. Não sei o que seria de mim sem vocês!

A todos amigos que fiz durante a graduação e que viraram pessoas essenciais na minha vida: Ulysses Martins, Anna Xavier, Lucas Eloí, Andrei Arruda, Ivo, Mimi, Luiza Bao Will Pena, Jonathan, Pedro Vogeley e Renato Angel.

A Juliana Rampim, obrigada por ser uma amiga exemplar, por estar presente em todos os momentos e me apoiar em tudo.

A Fernanda Biondo e Sônia Florêncio, por terem sido tão fundamentais no meu processo de amadurecimento profissional e acadêmico e pelas conversas sobre Patrimônio, afeto e Memória. Sempre me lembro muito feliz das trocas e conversas que tivemos no IPHAN.

Ao Zen, o cachorro “zen” paciência. Meu grande amigo e companheiro não-humano. Obrigada pela companhia nas fases solitárias da monografia

Aos Primatólogos do PNB por terem me apresentando ao mundo da Primatologia. Encontrei aliados fortes, dedicados e apaixonados pelo o que fazem. Obrigada por cada momento, conversa e ajuda.

Aos primatas não humanos Rambo, Rihanna, Romã, Spike, Goku, Cotoca, Richar, Mini, Amarelo, Caju e Frida, por terem me aceitado como parte da trupe, sem isso, essa pesquisa não teria sido possível. Obrigada por cada olhar, momento e interação. Com vocês, aprendo a ser uma humana melhor todos os dias.

Aos servidores do Parque Nacional de Brasília, pelas conversas descontraídas e bem-humoradas. Eu amei conhecer cada um de vocês!

Ao meu orientador e amigo, Professor Guilherme Sá, por ter acreditado e me apoiando desde o início. Obrigada pela dedicação, leitura atenta e pelas conversas e conselho sobre a vida nas quais eu tanto aprendo. Foi uma honra ter feito esse trabalho em parceria com você, que venham muitos outros. Sem você, essa monografia não seria tão especial. Abraços de mono!

Aos servidores do DAN, Dona Ana, Branca, Rosa, Jorge, Thais e Fernanda, obrigada por todo carinho, ajuda e cafés da manhã regados a risadas antes do trabalho. Vocês fazem o meu dia mais feliz!

A todos os professores que passaram pelo meu caminho e contribuíram com a minha formação acadêmica e pessoal. Um agradecimento especial para os Professores Carlos Sautchuk, Guilherme Moura, Graciela Froehlich, Silvia Guimarães, Henyo Barretto, Soraya Fleischer, Andrea Lobo e Dida Mendes.

Aos colegas Pedro Branco e Bernardo Peixoto, por todas as conversas e contribuições para este trabalho.

A Casa Espiritualista Caboclo das Sete Encruzilhadas da qual eu sou filha há mais de 2 anos. Obrigada Baba, Iaiá, Mãe Pequena e Pai pequeno por todo amor e cuidado que vocês dedicam aos filhos da casa. A Rosa Caveira e todos os meus guias de Umbanda. Axé!

A todas as espécies e formas de vida do mundo que me inspiram na caminhada...Este trabalho é uma defesa por todas as formas de vida, humanas ou não, e um convite a pensar em relações mais simbióticas do que parasitárias.

RESUMO

Este trabalho é fruto de um estudo etnográfico realizado entre setembro de 2018 à março de 2019 junto a primatólogos, e busca contribuir com o crescente debate corrente sobre antropologia da ciência e das relações entre humanos e animais. A pesquisa foi realizada no Parque Nacional de Brasília (PNB), também conhecido como Água Mineral, que é uma unidade de conservação e um local aberto à visitação que acolhe as mais diversas espécies do cerrado brasileiro, entre elas, o macaco-prego (*Sapajus libidinosus*). O encontro cotidiano entre humanos (visitantes, cientistas e servidores) e o grupo de macacos-prego que já é famoso por interagir e roubar alimentos antrópicos dos visitantes nas áreas das piscinas do parque permite e promove os mais diversos tipos de interações. O contato entre os agentes desta relação faz com que comportamentos, técnicas e procedimentos sejam acionados e constantemente transformados com o contato, por exemplo, as técnicas científicas, entre os cientistas; a extrema proteção de objetos pessoais, entre os visitantes, e as variações de conduta dos macacos. Analiso também o processo do fazer primatológico, as técnicas e metodologias nas fases de reconhecimento, nomeação, habituação, entre cientistas e o grupo de macacos. À luz do debate clássico sobre natureza e cultura, discuto aproximações possíveis entre Biologia e Antropologia.

Palavras-chave: Antropologia da Ciência; Relações humano-animal; Parque Nacional de Brasília; Macacos-prego; Primatólogos.

ABSTRACT

This work is the result of an ethnographic research made during the period from September 2018 to March 2019 with primatologists, and aims to contribute to the increasing debate about the Anthropology of Science and Human-animal relations. The research was carried out in the Parque Nacional de Brasília, also known as *Água Mineral*, which is a unit of conservation and a place open to visitation that hosts diverse species of the Brazilian Cerrado, including the bearded capuchin monkey (*Sapajus libidinosus*). The daily encounter between humans (visitors, scientists and servers) and the group of bearded capuchin monkeys already famous for interacting with the people and stealing food from visitors in the park's swimming pool areas allows and promotes the most diverse types of mutual interactions. The contact among the agents of this relationship causes specific behaviors, techniques and procedures to be triggered and constantly transformed with contact, for example, scientific techniques, among scientists; the extreme protection of personal objects and foods, among visitors, and variations in monkey behavior. I also analyze the process of primatological making, the techniques and methodologies in the phases of recognition, naming, habituation, between scientists and the monkey group. In light of the classic debate about nature and culture, I discuss possible approaches between biology and anthropology.

Keywords: Anthropology of Science; Human-animal relations; Parque Nacional de Brasília; Bearded capuchin monkeys; Primatologists.

Sumário

<i>Introdução</i>	9
<i>Capítulo 1 – “Mantenha distância dos macacos!”</i>	11
As regras do Jogo: casa, trabalho e lazer.....	12
Para além de fronteiras e dicotomias.....	16
Os encontros e suas transformações.....	20
<i>Capítulo 2 – “O próximo galho era eu”: compartilhando espaços</i>	26
Embarcando em uma aventura primatológica.....	28
“Macacos me mordam”: aprendendo métodos primatológicos.....	30
Identificando primatas, (re)conhecendo indivíduos.....	36
Depois de (re)conhecer, é preciso (co)habituair.....	40
(Re)conhecer, ser aceito e não interferir.....	47
“Primatologia é a ciência do futuro”.....	50
<i>Capítulo 3 – Aprendendo a coabitar: vidas em coligação</i>	59
A (des)Ordem Primata.....	59
Ensinaamentos sobre/de vida ou <i>Bioensinaamentos</i>	68
<i>Conclusão</i>	77
<i>Referências bibliográficas</i>	78

*Para Nana, minha mãe,
por ter me ensinado desde pequena a amar a Vida.*

A primeira tarefa desse projeto é aprender algo sobre outras espécies, incluindo espécies selvagens, que realizam um imenso trabalho invisível para possibilitar a sobrevivência dos humanos. Humanos não podem viver sem outras espécies. Isso não é só porque nós os comemos. Paisagens multiespécies são cenários de habitualidade. Precisamos dessas coordenações para nos mantermos vivos. Em todas as escalas, desde os nossos intestinos até o nosso planeta, precisamos de paisagens de habitabilidade comum, alcançadas por meio de simbiose e coordenação.

Anna Lowenhaupt Tsing
Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no
Antropoceno

Introdução

Em 2017, estava no meu terceiro ano de graduação e como os outros estudantes, seguia o fluxo de matérias exigidas na grade curricular do curso de Ciência Sociais bacharelado em Antropologia. Naquele ano, em especial, me deparei com a matéria “Métodos e Técnicas em Antropologia Social”, disciplina obrigatória para a conclusão do curso de Antropologia da Universidade de Brasília. Me lembro que tive, pela primeira vez, que pensar em um tema de pesquisa. O primeiro sentimento que me veio foi de felicidade e curiosidade por poder finalmente escolher um “tema de pesquisa” dentre os vários existentes que me interessavam, logo, este primeiro sentimento foi transformado em angústia quando me deparei com os dilemas que uma delimitação de tema te impõe. Ficava me perguntando sobre o que escolher, qual tema daria para abarcar tudo aquilo que eu queria aprender e pesquisar?

Certa vez, ouvi de um professor que o melhor jeito de escolher um tema ou uma área de pesquisa é tentando achar os problemas sobre o mundo que realmente te preocupam ao ponto de querer pesquisá-los. Sem saber se estava certo ou não, guardei a essa dica no bolso. Conversando com a minha avó nos nossos cafés da tarde recheados de comidas mineiras, ela acabou me revelando que o “problema” que mais pairava sobre a minha cabeça quando eu era pequena era a questão das relações entre nós, humanos e os animais que nos rodeiam. Ela dizia que eu andava pelo mundo atenta aos cachorros de rua, passarinhos que entravam em casa para beber água, cavalos e carroças, gatos andarilhos, macacos ladrões, corujas que atacam, borboletas coloridas. E para concluir, ela me disse: por isso que até hoje, eu não entendo por que você não fez veterinária e biologia! Nesta época, eu também não sabia que iria me aventurar pelas searas antropológicas podendo abordar o tema que escolhi: tão inesperado, mas tão previsível para mim...

Bom, decidida que iria pesquisar e ter a minha primeira experiência antropológica, trarei logo de conhecer melhor o que as pessoas chamam de Antropologia da Ciência, as discussões sobre natureza e cultura e das relações entre humanos e animais não-humanos. Não tive muitas dúvidas de que era aquilo que eu iria seguir. Dito e feito. Consegui associar tudo que eu queria aprender e pesquisar: cientistas em campo (digo, na mata e não em laboratórios), animais em vida livre e as interações entre animais-humanos em um contexto curioso e intrigante (e nesse sentindo, o Parque Nacional de Brasília, me atendeu muito bem).

Feito esse breve histórico de como cheguei ao tema que trato nesta monografia, posso, agora, apresentá-lo:

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de campo realizada entre setembro de 2018 a março de 2019 que se iniciou com o objetivo principal de acompanhar primatólogos e um grupo de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*), bem como entender as técnicas de pesquisa e as relações entre pesquisadores e macacos no cotidiano de trabalho de campo. O campo no Parque Nacional de Brasília, com a sua paisagem complexa, me permitiu abranger o objetivo deste trabalho na medida em que me apresentou vários dados que iam além da relação primatólogo-macaco, por exemplo as diversas interações entre visitantes, servidores e o grupo de macacos nas áreas abertas à visitação do Parque. Por isso, dividi - para facilitar a compreensão e leitura da etnografia- esta monografia em 3 capítulos.

No capítulo 1, apresento o local que realizei a pesquisa, o Parque Nacional de Brasília, e os diversos entendimentos que visitantes, servidores e cientistas têm/constroem sobre ele. Aproveitando essa discussão, abordo também o que caracterizei como as *políticas de convivência* (placas, cercados e abordagens dos servidores) entre humanos e animais no Parque e faço uma discussão à luz de conceitos caros à Antropologia, como os de: Natureza e Cultura, Humano e Animal. E para finalizar o capítulo, analiso os encontros e transformações entre visitantes e macacos-prego.

No capítulo 2, trato de apresentar meus interlocutores: cientistas e servidores, bem como a pesquisa e os métodos de coleta de dados que os cientistas utilizavam em campo. Analiso o processo do fazer primatológico: as fases de reconhecimento, nomeação, habituação, entre cientistas e o grupo de macacos. Sendo um capítulo inteiramente dedicado aos cientistas e a Primatologia, e finalizo, com uma discussão sobre mulheres na ciência, mais especificamente na Biologia e na Primatologia.

Por fim, no capítulo 3, apresento os macacos-prego, sua ecologia e os entendimentos construídos sobre esses primatas curiosos do Novo Mundo e tudo que aprendi sobre/com os “jardineiros das florestas” e os “ladrões da mata”. Por fim, faço uma discussão sobre a relação entre a Biologia e Antropologia e, a partir do meu campo, apresento o conceito de *bioensinamentos* que são, resumidamente, ensinamentos sobre/da as várias formas de vida da Terra.

Capítulo 1 – “Mantenha distância dos macacos!”

Criado em 29 de novembro de 1961 pelo decreto nº 241, e com extensão de 42.355,54 hectares, o Parque Nacional de Brasília (PNB), mais conhecido como Água Mineral, nasce praticamente junto com a capital federal. O Parque é uma Unidade de Conservação (UC)¹ brasileira de proteção integral que acolhe as mais diversas espécies da flora e da fauna do cerrado brasileiro - muitas delas ameaçadas de extinção, como o galito do cerrado, tico-tico-do-mato, gato-maracajá, tamanduá-bandeira, codorna-buraqueira, tatu-canastra, águia cinzenta² - e é um local aberto à visitação.



Imagem 1: Mapa com limites do Parque Nacional de Brasília. Fonte: Google Earth.

O PNB tem como atração duas piscinas de água corrente (nomeadas Areal e Pedreira), trilhas (Trilha da Capivara com 1,3 km, Trilha Cristal Água com 5 km e Trilha União com 136

¹ A Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) e definiu Unidades de Conservação como "espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei"

² Informações retiradas do site do ICMBio <<http://www.icmbio.gov.br/portal/parna-de-brasilia?highlight=WyJicmFzXHUwMGVkbGlhIl0=>>> Acessado em: 10/04/2019.

km), centro de convivência e áreas de contemplação da natureza, como por exemplo, a ilha da meditação. O Parque abrange 3 regiões administrativas do Distrito Federal (Sobradinho, Brazlândia e Brasília) e 1 município do estado de Goiás (Padre Bernardo). Surge da necessidade de proteger os rios fornecedores de água potável para o Distrito Federal e tem como objetivo preservação de ecossistemas.

Por ser uma unidade de conservação e ao mesmo tempo um local aberto à visitação com acesso a piscina, o parque acaba promovendo encontros - desejáveis e indesejáveis, esperados ou não - entre humanos e animais não humanos todos os dias. Por isso, regras se fazem necessárias para amenizar o caráter “indesejável e inesperado” destes encontros. As diretrizes institucionais-organizacionais adotadas pelo Parque podem ser percebidas, principalmente, pelo que chamei de *políticas de convivência*, dentre as quais pretendo analisar: as abordagens dos servidores; as placas espalhadas pelo parque e os “cercados” das trilhas.



Imagem 2 e 3: Cercados do Parque Nacional de Brasília. Fonte: Site do ICMBio.

As regras do Jogo: casa, trabalho e lazer

Na primeira vez que visitei o Parque Nacional de Brasília (PNB) na intenção de realizar pesquisa no local, reparei em uma situação que muito me chamou atenção: logo na entrada da área da piscina, um servidor recebia os visitantes, repetindo a mesma frase: “Bom dia, senhora, seja bem-vinda, mantenha distância e não alimente os macacos!”. Esta frase é muito sugestiva das políticas de convivência e coabitação entre frequentadores humanos e animais no PNB, principalmente com um grupo de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*) que é famoso por “roubar” alimentos e interagir com os visitantes nas áreas das piscinas.

As abordagens dos servidores são direcionadas para prevenir e/ou amenizar o encontro com animais. Desde a entrada do PNB os trabalhadores do local atentam os visitantes sobre os potenciais riscos no parque e sugerem que mantenham distância dos animais. Os servidores são instruídos a sempre pedir para que os visitantes se afastem, guardem alimentos e não reajam às ameaças do grupo de macacos. Presenciei abordagens já dentro da área da piscina, quando os macacos estavam próximos demais de um grupo de visitantes.



Imagem 4: “Caçando restos”. Autoria: Mariana Machado

Certa vez, uma situação interessante ocorreu. Uma senhora começou a ameaçar Rambo³, o macho alfa do grupo de macacos, com um chinelo, na tentativa de afastá-lo de seus pertences. Ele, nos galhos de uma árvore, reagiu, tentando puxar o cabelo da visitante. A senhora, então, falou para Carlos⁴, um servidor do Parque: “você deveria fazer alguma coisa para eles pararem de atacar a gente” ao que ele respondeu: “a senhora que tá na casa deles, você não pode ameaçar o dono da casa com um chinelo, e eu não posso fazer nada!”.

³ Irei me referir aos macacos com os nomes originais que eu e os pesquisadores nomeamos para facilitar o processo de reconhecimento de cada indivíduo do grupo de macacos-prego. É interessante notar que os nomes também são utilizados pelos servidores ao se referirem aos macacos quando contando anedotas do dia a dia, de forma que as individualidades dos macacos ficam tão claras nessas histórias que era como se estivéssemos falando de “humanos”.

⁴ Todos os nomes de humanos aqui citados são fictícios.

Antes de seguir, é relevante ressaltar que os servidores e cientistas comentam, às vezes até com certa indignação, o fato de o Parque ser uma UC, mas ser entendido em muitas situações como um clube urbano⁵ pelos visitantes. Cecília, primatóloga que faz pesquisa com os macacos-prego da área da piscina, comentou que já ouviu coisas absurdas dos visitantes em relação aos macacos, como “eles são uma praga, tinham que morrer envenenados”. Rodrigo, outro pesquisador, contou sobre o trabalho com macacos-prego no Zoológico de Brasília e reclamou sobre como se dá a interação macacos-humanos no local. Segundo o primatólogo, uma possível solução é o trabalho de educação ambiental contínuo em que se instruisse os visitantes de que o “Parque não é uma praia, um clube, não é lugar de trazer comidas, mas que se eles quisessem trazer, a responsabilidade deveria ser toda deles, e que é expressamente proibido mexer com os macacos, machucar eles ou qualquer outro animal, pois ali era a casa deles”. Artigos que tratam das interações entre os macacos e os humanos no Parque são ilustrativos da visão dos cientistas sobre o assunto:

Os conflitos entre humanos e macacos-prego favorecem a constituição de um imaginário social em que esses animais passam a ser vistos como agressores dos frequentadores do PNB [...] devido à visão distorcida que os visitantes tem do PNB, por meio da qual consideram-no como uma simples área de lazer, e não como uma Unidade de Conservação da Natureza” (SAITO *et al.*, 2010, p. 518)

Na opinião geral dos meus interlocutores é muito difícil desconstruir esse entendimento dos visitantes do PNB. A visão de que o Parque é um clube não é recente e é extremamente problemática pois, segundo os primatólogos, por conta dessa visão as pessoas “acabam fazendo o que elas bem entendem”, chegando a agredir os macacos ou alimentá-los para tirar fotos, sendo que “elas deveriam entender que eles são animais selvagens e que quando eles se sentem ameaçados eles podem morder, machucar, atacar, ou seja, as pessoas não podem arriscar porque não é brincadeira. Eu acho que as pessoas não têm essa dimensão só porque é um animal pequeno aí acha não tem esse risco”, coloca Rodrigo.

Os primatólogos também entendem que as interações entre humanos e animais não deveriam virar uma guerra ou uma rivalidade, mas que deveríamos aprender a conviver, coabitar espaços e a respeitar os animais e a casa deles. Rodrigo completa dizendo que “não dá pra gente chegar aqui e falar que vamos fechar a piscina porque os macacos estão aqui e nem o

⁵ O termo “clube” é tão comum que em diversas reportagens o utilizam para se referirem ao Parque <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/macaco-ataca-mulher-em-clube-no-distrito-federal-20102018>. Acessado em 10/04/2019

contrário, querer expulsar os macacos daqui para os humanos ficarem”. O problema, para o pesquisador, “é que as pessoas não querem ceder, é por isso que lidar com gente/humano é bem mais complicado e difícil” e, olhando para mim, fez uma cara de que eu sabia e entendia o que ele estava querendo dizer.⁶

Carlos conta que já perdeu a conta de quantas vezes apreendeu bebida alcoólica de visitantes que, mesmo sendo avisados da proibição desse consumo, levam bebidas em garrafas d’água ou de refrigerante. Fernando, servidor do PNB, comentou que o melhor jeito de “dar o bote” é esperar os macacos roubarem comida: “é muito engraçado quando eles abrem as garrafas de refrigerante e tem cheiro de álcool, eles tacam longe, eles detestam o cheiro e o gosto, tai uma boa forma de saber quando a bebida é álcool”. Aqui, é interessante destacar dois pontos: a capacidade que os macacos tem de categorizar sobre que tipos de recursos antrópicos eles querem consumir e a relação de cooperação entre servidores e macacos, como enfatizado por Samanta, outra servidora do parque: “a gente defende a casa deles e eles ajudam a gente a trabalhar”.



Imagem 5: “Guaraná também é fruto?” De perto é possível reparar nas gameleiras, frutos “naturais” ao fundo. Autoria: Mariana Machado

⁶ Naquele momento, identifiquei que eles faziam certa diferenciação: os dois como eram biólogos, “mexiam com bicho” e eu como a única representante das ciências humanas, segundo eles, “mexia com gente”.

A relação entre servidores e macacos me chamou atenção pela quantidade de histórias, um tanto bem-humoradas, que eles me contavam - enquanto passeávamos pela área da piscina - sobre as interações que envolviam os macacos e visitantes. Fernando relatou um episódio em que um grupo de frequentadores portava um grande *cooler* com gelo até a sua capacidade máxima. Rihanna chegou perto e os frequentadores tentaram expulsá-la. Em resposta, ela foi ficando “brava” e por isso foi se vingar deles, então repentinamente, ela pegou o *cooler* e o lançou no chão, derramando todo o gelo e revelando várias latas de cervejas que os visitantes estavam tentando esconder, ao que Carlos acrescentou: “esses macacos têm uma força que você não imagina, derramar um cooler pesado daquele ô, bicho danado de inteligente!”.

O que fica aparente é que o papel dos servidores é de prevenir encontros indesejáveis entre visitantes e animais, assim como o papel das placas e dos cercadinhos ao redor das trilhas. Dizeres como “proibido ultrapassar”, “não alimente os animais” e “mantenha distância” são análogos às abordagens de servidores que frisam “aqui é a casa deles”, “você que está visitando”, de forma que é interessante perceber que “as regras do jogo”, ou seja, as políticas de convivência estão sempre tentando evitar os encontros e separar/delimitar o que seria o espaço dos humanos e espaço dos animais, reafirmando assim a dicotomia entre natureza e cultura.

Para além de fronteiras e dicotomias



Imagem 6: “Mantenha distância”: passando do limite. Autoria: Mariana Machado

A figura acima ilustra a contradição que existe nas políticas de convívio entre humanos e animais no Parque. Sob um primeiro olhar, a mata ao fundo da imagem suscita o que

classificamos como natureza, enquanto a placa e o espaço a frente dela (piscina) são frutos de uma ação cultural⁷. Porém, enquanto as placas deixam claro que as informações são dirigidas aos primatas humanos, o primata não humano já ultrapassa essa fronteira, saindo da mata para adentrar o espaço esperado que seja ocupado só por humanos, o que me faz pensar que nós, os animais e os objetos que nos rodeiam não são nem “naturais” nem “culturais”, mas estão em uma situação intermediária: são os dois ao mesmo tempo (DESCOLA, 2016).

Enquanto as placas e os cercados (imagens 2 e 3) pretendem delimitar o que seria o “selvagem” e o “civilizado” do Parque e as abordagens dos servidores tentam evitar encontros, os macacos desafiam essa lógica todos os dias. Mas que lógica seria essa? O ser humano foi definido durante séculos por características supostamente não compartilhadas com outras espécies, como a racionalidade, a capacidade de produzir ferramentas, possuir cultura, dentre outros. Para os animais sobraram as “ausências”, ou seja, foram definidos com tudo aquilo que não era tido por humano. Ingold (1994) complementa:

“No contexto da tradição do pensamento ocidental, os conceitos de ‘humano’ e ‘animal’ parecem cheios de associações, repletos de ambiguidades e sobrecarregados de preconceitos intelectuais e emocionais. Dos clássicos até os dias de hoje, os animais têm ocupado uma posição central na construção ocidental do conceito de homem”.

Os cientistas sempre estiveram procurando o que separaria os “humanos” dos demais animais, como bem lembra Ingold (1994, p.10): “Todo cientista tem uma palavra ou expressão favorita com a qual preenche a lacuna na frase “o homem se define como um animal_____”. Enquanto as ciências biológicas se inspiram na ideia de continuidade pensada por Darwin (2003 [1859]) e do homem como apenas mais uma espécie, as ciências sociais tem a tendência de considerar o humano como único, pois acreditam que a diferença não seria só de grau, mas também de qualidade, ou seja, apenas o ser humano teria capacidade de possuir cultura (Geertz, 1980). Ou seja, por muito tempo, a saída da Antropologia também pareceu operar pela mesma dicotomia, homem/animal – sendo aquele o detentor da capacidade de representação e do discurso simbólico, enquanto este sendo apenas um ser passível de simbolização pelos humanos.

Ingold (1994), por sua vez, ao resgatar o histórico de como a noção acerca do animal sempre nos proporcionou a construção ocidental do conceito de homem, nos apresenta uma boa

⁷ Como exemplificado por Descola (2016) na ideia de “cerca viva”.

alternativa para pensar estes conceitos. Em sua proposta, também se reconhece os dilemas da visão dualista do conceito de humanidade que cai ora em um etnocentrismo, ora em um antropocentrismo, e como sugestão, propõe a ideia de ultrapassar a oposição entre natureza/cultura, animal/humano como uma possível alternativa às dicotomias. Não seria mais produtivo e interessante refletir sobre a nossa relação com os animais ou pensar sobre o que *significa ser humano* do que insistir em tentar descobrir o que realmente nos distingue das outras espécies? Nesse sentido, acredito que os primatas não humanos têm muito o que ensinar:

Aprender com os primatas, nestes casos, não se trata de aprender como é “ser primata”, mas, antes, a aprender o que é “ser humano”. Esta proposição, ao mesmo tempo que rompe com a simples ideia de projeção humana sobre os não humanos, também não contempla a ideia de que o inverso seria a projeção animal/natureza sobre a condição humana/cultura. Mais do que isso: os primatas promoveriam o humano em nós. (SÁ, 2013, p.105)

Já que nunca estivemos separados dos animais e justamente por isso a fronteira entre humanidade e animalidade é nebulosa, é importante que a Antropologia também se preocupe com estas questões. Em uma entrevista⁸ publicada em 2011, Philippe Descola - herdeiro da cátedra de Lévi-Strauss no Collège de France- coloca que:

“As outras criaturas, animais, plantas, minerais, também são coquilinos do mundo. Não são coisas ou formas de vida, mas sim verdadeiros agentes sociais, que têm os mesmos direitos que os seres humanos. E muitas vezes características em comum, que não são meramente biológicas, mas até culturais. É por isso que hoje a antropologia não pode mais se limitar ao ser humano, mas deve estender o seu olhar a todos os seres com os quais interagimos e convivemos.”

As abordagens dos servidores, as falas dos pesquisadores, as placas e os cercados que tentam delimitar os espaços, não só operam, como são desdobramentos/produtos da dicotomia natureza/cultura. As constantes infrações das “regras de convivência” (macacos ocupando os espaços, humanos alimentando macacos etc), acabam por ser mais comuns do que a própria regra se concordarmos que os encontros entre humanos e animais no parque demonstram uma transcendência das políticas de convivência e por consequência da própria dicotomia.

⁸ A entrevista pode ser conferida neste link: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/46229-animais-plantas-natureza-os-direitos-do-meio-ambiente-entrevista-com-philippe-descola>> Acessado em: 25/05/2019

Quando questionados sobre a eficiência das placas, cercados e abordagens, ou seja, as políticas de convivência, meus interlocutores mostravam convicção de que “não funcionavam totalmente”, exatamente por precisarem, a todo instante, reafirmá-las, ao perceber que os visitantes e o grupos de macacos estavam constantemente quebrando e desautorizando as regras.

Sobre as políticas de convivência entre humanos e os animais e como em muitas vezes elas reafirmam a tentativa de separar os humanos dos animais, é interessante pensar como essas políticas são uma contradição naquilo que elas tentam impor; e o Parque como um exemplo de um local híbrido por ser uma conjugação de vários entendimentos.

Na sua hibridez, o Parque e os agentes humanos e não humanos desautorizam as dicotomias nele impostas por justamente ser constituído por uma paisagem complexa, ou seja, composta de agentes humanos e não humanos. Ele é categorizado como “clube” por alguns visitantes, ele é casa para os animais que ali sempre estiveram e ele é trabalho para os servidores e pesquisadores. Aqui não pretendo esgotar/encerrar os entendimentos possíveis sobre o Parque, apenas apresentar percepções que identifiquei como importante, como acrescenta Lobo (1998, p.29):

O PNB, enquanto um espaço construído, é o resultado do jogo multilateral dos múltiplos atores em causa. Nesse sentido, as cosmografias e territorialidades se sobrepoem, formando uma complexa rede de relações que constituem e são constitutivas do Parque. [...] o espaço do PNB é visto aqui como um campo de possibilidades. Enquanto tal, é constantemente apropriado e controlado por diversos atores que atuam em escalas distintas.

As agências não-humanas ultrapassam os limites impostos pelo entendimento Ocidental moderno sobre os grandes divisores que definem humanidade e animalidade. Antes, colocam em xeque as próprias políticas de relações interespecíficas do PNB como Unidade de Conservação. Como Latour propõe, assim é possível:

“[...] compreender esses não-humanos que são [...] atores cabais em nosso coletivo; compreenderemos, enfim, por que não vivemos numa sociedade que olha para o mundo natural exterior ou num mundo natural que inclui a sociedade como um de seus componentes. Agora que os não-humanos já não se confundem com objetos, talvez seja possível imaginar um coletivo no qual os humanos estejam mesclados com eles” (LATOUR, 2001, p. 201).

O Parque, em sua complexidade, deve ser entendido como um local híbrido e um campo de possibilidades. As conjugações dos entendimentos sobre o Parque fazem ele ser casa, lazer e trabalho. E, as interações cotidianas entre humanos e animais, que no encontro acionam diferentes comportamentos, técnicas e procedimentos, proporcionam um montante de tipos de interações, que a partir do encontro entre os agentes, desafiam, assim, as distinções clássicas entre, no plano geral, natureza e cultura e no mais específico, homem e animal.

Os encontros e suas transformações

Aqui pretendo destrinchar um pouco mais sobre como o convívio entre animais e humanos no Parque Nacional de Brasília promove transformações nas técnicas, procedimentos e comportamentos, justamente pelo Parque ser um exemplo de lugar de coabitação multiespecífica. Os encontros cotidianos entre macacos-prego e humanos podem acontecer, na perspectiva dos humanos, como proximidades indesejadas (ameaças, ataques e roubos) ou encontros desejáveis (as interações amigáveis com os macacos, oportunidade de tirar fotos, contemplação da natureza, pesquisa).

Há diversos casos de interações entre macacos e humanos em Parques pelo mundo (KNIGHT, 2005) (FUENTES, 2007). No caso do PNB, como já expressei anteriormente, os macacos já são famosos por interagirem com os frequentadores humanos que estão na área da piscina ou das trilhas, geralmente, buscando alimentos antrópicos. Sem a presença dos humanos e o provisionamento de comidas antrópicas, muito provavelmente os macacos não frequentaria a área da piscina e os humanos não iriam ao Parque “só para ver os macacos”, como já ouvi visitantes falarem, o que torna a interação entre macacos-humanos, relacional. Um exemplo parecido pode ser conferido no caso das interações entre macacos e humanos nos templos de Bali:

In 1989, I visited the temple forest complex at Padanftegal (Ubud), Bali, Indonesia, for the first time. There i saw macaque monkeys and humans coexisting and interacting on a daily basis with little significant conflict. [...] Over my years of visiting and researching at the site, I realized that the relationship between both species of primate is complex, with mutual impact. The macaques are protected when in and around the temple site and the humans gain substantial financial benefit from monkeys' presence through tourism. (FUENTES, 2007, p.125)

No caso estudado por Knight (2005) em parques no Japão que não só permitem visitantes dar comida aos macacos, como os estimulam vendendo comidas com esse objetivo

na entrada, é interessante perceber que por conta deste provisionamento os visitantes não só observam macacos - como é a proposta de um zoológico - mas interagem diretamente e intimamente com eles quando os alimentam. No PNB, ao contrário, os visitantes são proibidos de ter essa relação com os macacos sob a alegação de que dar comida aos macacos é fazer mal a eles, como expliquei na discussão sobre as *políticas de convivências* entre animais e humanos acima. O que é interessante tirar desses dois casos, é que mesmo um sendo permitido e o outro proibido alimentar os macacos, ambos apresentam o fato dos visitantes humanos engajados em querer dar comida aos animais. Knight reflete sobre três motivos para provisionamento de comida ser tão importante na sociedade japonesa e como isso pode ser refletido na vontade que os visitantes têm de fazer isso com primatas não humanos:

In Japan, as elsewhere, food-giving is an importante médium of communication and the food gift a key symbol of social intimacy. Three motifs of food-giving or sharing can be identified in Japanese Society. First and foremost, food-sharing is associated with the family. The daily commensality of the family meal – conventionally, a rice-based meal – is an important expression of family unity. A second kind of food-giving in Japan has to do with the management of social relationships and networks through consecutive exchanges. Food gifts help to maintain good relations with the relatives, friends, and neighbours. [...] A third kind of food-giving is what might be called compassionate food-giving, wich is directed at those in need or in a state of dependence, such as monks, beggars, os those who are handicapped in some way. (KNIGHT, 2005, p. 233)

O que parece acontecer, pelo menos, no PNB é que humanos mesmo sendo avisados para se afastarem e não alimentarem os macacos e “ensinados” como se comportar no Parque a partir das *políticas de convivência*, eles insistem em querer ter uma relação mais íntima com os macacos. Além dessa vontade de criar laços e ter uma relação mais próxima com os primatas não humanos, seja para contemplá-los ou tirar fotos, é o fato deles quererem “ajudar” os macacos como se tivessem uma obrigação moral. Muitas vezes em campo, ouvi visitantes dizendo que se não dessem comida para os macacos eles passariam fome, ou que eles deveriam estar com fome porque não sabiam mais pegar comida da natureza, só tinham aprendido a roubar comida dos humanos, o que se relaciona com o terceiro motivo exposto por Knight, o provisionamento de comida por compaixão ao outro necessitado.

Tendo refletido sobre as relações entre humanos e macacos-prego nas áreas das piscinas do Parque, me ateno agora a refletir e trazer dados sobre a dinâmica destas relações. A partir do contato com os humanos, macacos acionam diversas estratégias para executar esse tipo de abordagem, já os humanos buscam diversas maneiras de se protegerem e se prevenirem dos furtos.

Certo dia, quando cheguei em campo, observei que um grupo de visitantes estava com muitas mochilas e *coolers* e quando olhei mais de perto, reparei que todos os pertences estavam com cadeado. Intrigada com esta situação, perguntei para um deles o motivo para tanta “proteção” de seus pertences e eles me responderam: “estamos protegendo as nossas lanche dos macacos que tem aqui. Da última vez que viemos, eles roubaram tudo.”

Achei aquela situação interessante, pois me fez refletir, como a relação entre os humanos visitantes e o grupo de macacos acionou uma certa reação não muito comum para quem vai fazer piqueniques em parques. Comecei a reparar, então, várias estratégias que os visitantes adotavam para não terem seus pertences roubados, como por exemplo, comer dentro d’água de forma a impedir que os macacos se aproximassem, panos e toalhas enormes cobrindo as mochilas (que, aliás nada adiantavam), ir para lugares mais afastados da piscina para comer, jogar o resto de comida nos lixos – para evitar que os animais se aproximem dos restos - que possuem travas pois, teoricamente apenas humanos conseguiriam abrir.

A extrema proteção dos pertences por partes dos visitantes chama atenção porque, quando ocorrem encontros indesejáveis e os macacos fazem um *display*⁹ de agressividade para os humanos, o que está em jogo é assegurar que objetos e alimentos não sejam roubados e não a própria integridade física das pessoas. Isso faz com que incidentes mais sérios aconteçam exatamente porque os humanos reagem às tentativas de roubo por parte dos macacos na tentativa de “salvar” seus pertences.

No campo presenciei diversos eventos que suscitam reflexões sobre a afirmação acima. Em meu diário de campo, narro: “Como era um dia de sol, o parque estava cheio e tinha muitas sacolas e mochilas cheias de comida, cenário perfeito para os macacos roubarem. Um casal deixou as sacolas com comida em cima de uma mesa e entraram na piscina. Rihanna¹⁰ aproveitou a oportunidade e foi ver o que tinha, quando o casal percebeu, começaram, de dentro

⁹ Termo técnico usado pelos primatólogos que trabalhei para se referir ao conjunto de sinais que indicam um comportamento específico.

¹⁰ Rihanna é a maior “batedora” do grupo, ou seja, a que mais rouba comida, ameaça, enfrenta visitantes humanos. Ela é a fêmea-alfa e a estrela do grupo.

da piscina, a jogar água em Rihanna que ficou muito estressada, mostrou os dentes, mas não parou de xeretar as mochilas. Rambo chegou para dar reforço e fez *display* de agressividade e vocalizou muito alto para os frequentadores, que insatisfeitos saíram da água e jogaram um copo plástico em direção aos macacos. Nessa hora, achei que Rambo fosse morder o rapaz, por sorte ele conseguiu abaixar a cabeça e sair ileso.



Imagem 7: As travas nas lixeiras não são suficientes para evitar que macacos (e quatis) peguem restos de alimento do lixo. Autoria: Mariana Machado

Outra vez, quando cheguei na área da piscina, Fernando, servidor do Parque, comentou comigo que os macacos estavam difíceis aquele dia, e que mais cedo Mini, outro integrante do grupo de macacos, "assaltou" uma senhora que, para defender seus pertences, pegou uma toalha e o ameaçou. Entretanto, não percebeu que Rambo chegou por trás e muito "nervoso" acabou puxando o cabelo dela. Depois de alguns minutos, arranjaram uma outra encrenca com um grupo de jovens que estavam sentados e quando um deles se levantou, Rambo veio e acabou arranhando a orelha do rapaz que teve que ir direto para a enfermaria devido a um sangramento.

Do mesmo modo que podemos ver as diferentes estratégias adotadas pelos visitantes diante dos encontros, também ficou muito claro para mim os processos de transformação dos comportamentos dos macacos. Em ambas as situações descritas acima, os macacos possuíam estratégias de reforço e cooperação, logo, não era difícil perceber os diálogos que aconteciam

entre eles para chamar atenção, combinar uma estratégia de fuga, avisar sobre alguma ameaça, entre outras.

Muito me marcou o dia que teve um momento de conflito entre um grupo de frequentadores e Rambo, Rihanna e Romã. Logo depois do ocorrido, Cecília, a pesquisadora principal comentou comigo e Rodrigo, “você viram aquele diálogo entre eles? Sensacional!”. O que marcou foi perceber as estratégias dos macacos em sua relação com os visitantes como foi reiterado por Cecília. Este acontecimento me fez lembrar de uma passagem do livro de Frans de Waal, um primatólogo renomado, que mesmo sendo sobre um outro grupo de primatas (chimpanzés) reflete muito o que eu via e sentia no grupo de macacos-prego:

“Sabe-se que os chimpanzés reconhecem as vozes uns dos outros. A floresta ferve delas, algumas próximas, outras fracas e distantes, e grande parte da vida social desses primatas decorre em um mundo de vocalizações.”(DE WAAL, 2005, p.87)

Era interessante observar também como eles sempre esperavam a distração ou a saída dos humanos do local para iniciarem a estratégia de furto. Por muitas vezes, observei que as copas das árvores (principalmente as que tinha em cima dos bancos) eram um ótimo lugar para esconderijos e camuflagem, eles se aproveitavam dos galhos e folhas quando percebiam que os humanos estavam distraídos partiam para ação, raramente sozinhos. Os pesquisadores costumavam classificá-los entre batedor, usurpador e oportunista¹¹ nas estratégias de forrageio. Refletindo sobre os termos usados para estas categorias, pensei em uma “meta-usurpação” por parte de alguns macacos que roubam o alimento de macacos que foram batedores dos recursos dos humanos: a usurpação da usurpação, o roubo do roubo.

Por último e não menos interessante, é um comportamento apropriado estrategicamente pelos macacos para não precisarem roubar comida, e sim ganharem facilmente alimentos pelos visitantes. Cecília foi a primeira a me mostrar o comportamento, chamado pelos cientistas de “pedinte”, pois é possível ver claramente os macacos pedindo comida aos visitantes: eles ficam meio bípedes, se dirigem a um visitante e erguem a mão em um formato de concha esperando

¹¹ Essas três categorias nativas remetem as estratégias de forrageio (procura de alimentos) adotadas pelos macacos. Batedor são os indivíduos que investem mais energia na busca por alimentos. Usurpador é o indivíduo que acaba se apropriando do alimento ou parte dele adquirido por um indivíduo batedor. Oportunista é uma estratégia intermediária, na qual o indivíduo oscila entre adotar um comportamento de batedor e usurpador.

receber um pouco da comida por algum visitante. Knight (2005, p.243) também descreve esse comportamento nos macacos em parques no Japão:

It is common for park monkeys to “beg” for food, both from keepers and from visitors. [...] some monkeys keep their upper arm close to the side of the body and extend the forearm out horizontally towards the human observer, while others extend both arms outwards; some always put out their left hand, and others alternate hands. Kawai refers to this kind of solicitatory gesture as “give-me-some-behavior”.

Assim como o encontro com os macacos transformou o comportamento dos visitantes, também são perceptíveis as alterações nas estratégias de forrageio dos macacos que se especializaram em se alimentar de recursos antrópicos ao invés de frutos naturais e nas estratégias de ação para alcançar um alvo (alimento). As ações e reações do grupo de primata e dos visitantes um com o outros só nos fazem concluir uma coisa: as interações entre humanos e macacos não podem ser outra coisa menos que relacionais já que é clara e explícita as agências entre os vários sujeitos envolvidos na relação.



Imagem 8: Rihanna tentando fazer “pedinte” para ganhar comida. Autoria: Mariana Machado

Capítulo 2 – “O próximo galho era eu”: aprendendo a compartilhar espaços

Olá colegas primatólogos,

A Mariana quer fazer o TCC dela sobre Antropologia da Ciência, estudando não os macacos, mas nós primatólogos (: Para isso, ela está disposta a acompanhar (e ajudar) as gravações no Parque, e possivelmente entrevistar todos nós. Peço a colaboração de vocês, lembrando que a pesquisa dela não deverá alterar nossa rotina ou coleta. Ela planeja fazer sua pesquisa a partir de agora até o fim do próximo semestre. (E-mail de Frederico)

Foi assim que **Frederico**, primatólogo, professor e pesquisador referência nos estudos de comportamento de primatas, me apresentou após uma conversa em que tratamos sobre meu interesse em realizar minha pesquisa de campo junto a primatólogos e primatas não humanos. Depois dos contatos prévios com os cientistas via e-mail e grupo do WhatsApp “Primatólogos PNB”, antes de começar as idas ao Parque Nacional de Brasília (PNB), Cecília pediu para que eu fizesse um cadastro como pesquisadora no SISBIO¹² que geraria uma espécie de número que me identificaria para que ela colocasse na autorização de pesquisa dela. Este número, que eu e todos os outros pesquisadores teríamos que apresentar na entrada de servidores do parque (com acesso apenas para servidores e pesquisadores do Parque), servia para que nós, pesquisadores, não precisássemos pagar a entrada no valor de 13 reais, que os visitantes têm que pagar, toda vez que fôssemos ao Parque. Esse fato é importante para pensar que eles desde o começo me entendiam ali como uma pesquisadora igualmente a todos os outros, independentemente de ser da área de antropologia, pois ajudaria ativamente na coleta de dados.

Bom, finalmente chega o dia de conhecê-los pessoalmente. Combinei com Cecília, primatóloga principal que coordenava a pesquisa, de chegar ao Parque Nacional de Brasília às 8h da manhã.

Cecília fazia Mestrado em Ecologia e estava iniciando a fase de coleta de dados em campo. Seu projeto consistia em entender melhor a função de vocalizações específicas associadas ao forrageio¹³ (busca por recursos alimentares) em macacos prego, chamadas “food-

¹² O Sisbio “é um sistema de atendimento à distância que permite a pesquisadores solicitarem autorizações para coleta de material biológico e para a realização de pesquisa em unidades de conservação federais e cavernas” em “<http://www.icmbio.gov.br/sisbio/>” (site do ICMBIO). Acessado em 15 de junho de 2019.

¹³ Procura/busca por recursos alimentares por meio de estratégias específicas.

associated calls”¹⁴. Sendo uma estratégia comportamental que evoluiu entre os primatas, Cecília me explicou que as discussões sobre a função desses chamados tinham diferentes hipóteses e que primeiramente, eles foram descritos como “avisos” que indivíduos emitiam para os outros sobre a presença de uma fonte de recurso alimentar, porém, não sendo um consenso entre os cientistas, outras hipóteses a respeito da função foram levantadas.

Para se inserir nesta discussão, Cecília tinha como principal objetivo compreender quais “comunicados” estavam sendo passados nesses chamados para melhor entender sua função para isso, Cecília me explicou que pretendia registrar os contextos comportamentais dos indivíduos (se estavam forrageando, comendo, interagindo, locomovendo e descansando) e descrever as variáveis ecológicas quanto ao tipo e a qualidade do alimento, por exemplo, descrever qual o tipo do recurso encontrado, qual a sua quantidade (se é abundante, médio ou escasso), sua divisibilidade (se é facilmente divisível ou não com outros indivíduos).

No primeiro dia acabei conhecendo também, Joana e Felipa. **Joana** fazia graduação em Psicologia e **Felipa** era da área da Veterinária e fazia estágio em um laboratório de Patologia Veterinária ambas também queriam trabalhar com primatas e por isso Frederico deu a sugestão de elas acompanharem e ajudarem Cecília em campo.

Cecília sempre precisava da ajuda de um outro pesquisador durante os registros e não era aconselhável que todos fossemos no mesmo dia ajudá-la, o ideal era que tivesse no máximo três pessoas, Cecília e mais um ou dois pesquisadores, o que fazia com que houvesse certa rotatividade e revezamento entre os cientistas. Com isso, eu nunca conseguia encontrar todos os meus interlocutores juntos, sempre estava Cecília, eu e mais algum outro pesquisador, além do mais, muitos foram se apresentando ao longo dos meses: uns que estavam no início não estavam mais no final, tudo dependia da disponibilidade do pesquisador de ir nos dias que Cecília precisava.

O outro primatólogo era **Rodrigo**, biólogo que fazia doutorado sob orientação de Frederico. Tinha um sobrenome interessante, parecido com o nome do grande primata das Américas, o Muriqui ou mono-carvoeiro (*Brachyteles arachnoides*), por isso, todos o chamavam de “Muriqui”, além da óbvia coincidência com o nome, ele também realizava pesquisa com essa espécie de primatas.

¹⁴ Tradução livre: chamados associados ao forrageio.

Alessandra, uma aluna da veterinária que queria estudar comportamento animal, porém focado em cachorros, principalmente, cão guia e a relação com seu dono, estava lá para aprender e ter experiência na área de comportamento animal.

Teresa, primatóloga que já tinha trabalhado e realizado pesquisa com o mesmo grupo de macacos-prego que Cecília, devido a este fato, tinha nomeado os indivíduos mais adultos do grupo. Na época, também realizava pesquisa no Parque, mas desta vez com saguis-estrela (*Callithrix penicillata*).

Celeste e Armando, apareceram no campo sendo chamados de “antropólogos” (acredito que seja por serem de uma área diferente também) mas eram linguistas de uma Universidade do Rio de Janeiro. Celeste era docente e orientadora de Armando que fazia mestrado. Eles estavam interessados em começar a estudar a complexidade da linguagem dos primatas a partir das vocalizações emitidas por estes.

Fernando, Carlos, Susana e Seu Milton eram servidores veteranos¹⁵ que trabalhavam, principalmente, nas áreas das piscinas, rodeando e mediando, muitas vezes, as relações entre os macacos e os visitantes. Foram, além dos cientistas, pessoas fundamentais que me ensinaram muito sobre o Parque e sua paisagem complexa.

Embarcando em uma aventura primatológica

Na minha primeira reunião com Frederico, em que expliquei meu projeto de pesquisa, ficou claro para mim que teria que ajudar na coleta como uma condição de fazer parte do grupo, mas não imaginava, naquele momento, que trabalharia tão ativamente na pesquisa e com as técnicas de meus interlocutores. Desde o primeiro encontro com Frederico e posteriormente com Cecília, meus interlocutores deixaram claro que meu trabalho ali seria igual a de qualquer outro cientista que auxiliaria na coleta.

Quando percebi isso, logo tive que me desfazer do ideal romântico, que paira na maioria da cabeça dos antropólogos aspirantes, de fazer pesquisa *a la* Malinowski e sua observação participante, de outro modo, tive que abandonar o famoso instrumento dos antropólogos (caderno de campo) e pegar nos instrumentos dos primatólogos (coletes, chapéus, câmeras, tablet com o etograma, cronometro, GPS, perneiras, chapéus e coletes).¹⁶ Trabalhar ajudando

¹⁵ Seu Milton, por exemplo tinha mais 12 anos que trabalhava no serviço de limpeza do Parque

¹⁶ Admito que essa negociação de ter que ajudar no trabalho de campo dos meus próprios interlocutores foi um desafio interessante para mim. Me incomodei ao pensar que poderia estar criando um outro ideal romântico: o de “virar” uma primatóloga!

meus interlocutores foi uma condição para realizar minha pesquisa de campo. A partir disso, encarei essa condição como uma oportunidade metodológica de fazer uma antropologia da/pela aproximação (SÁ, 2013) renovando assim a teoria antropológica, pois meu trabalho de campo não consistiu em apenas *acompanhar/seguir* cientistas em campo, mas *trabalhar junto* com eles.

A antropologia da aproximação, [...] dá ênfase às experiências e à experimentação. Trata-se de transpor o fetiche pelo exótico, camuflado em relativismos e alteridades definidas a priori, e reelaborar o “familiar” a partir de relações interativas e mutuamente contundentes entre antropólogos e seus interlocutores. (SÁ, 2013, p.38).

No final das contas, esta condição acabou sendo uma ótima estratégia que me permitiu ter muito mais acesso aos meus interlocutores do que se recorresse a clássica “observação participante”, aqui, então, me aproximo da ideia de engajamento/inserção do antropólogo-pesquisador nas práticas/atividades por ele etnografadas (SAUTCHUK; SAUTCHUK, 2014, p. 595)

Em suma, o que se pretende neste texto não é fazer estas duas pesquisas etnográficas convergirem para o elogio da etnografia enquanto práxis, mas sim, mais modestamente, refletir sobre a coerência entre meios e fins, entre a situação que se pretende etnografar e a maneira de se formular e elaborar a dimensão empírica de uma atividade. Isto aponta para a necessária multiplicidade não apenas dos temas e dos resultados, mas também dos modos de empreender o trabalho de campo, considerando formas alternativas de acesso a diferentes formas de experiência, derivando o fazer antropológico por searas que envolvem de maneira particular sentidos, percepções, gestos e palavras, na medida em que eles formam conjuntos de relações relevantes. Ademais, leva a sintonizar a abordagem etnográfica diante dos aspectos mais relevantes da realidade local.

A rotina dos primatólogos e por consequência a minha também era acordar, tomar um bom café da manhã para aguentar o dia “correndo atrás dos primatas” como dizia Frederico, arrumar a marmita para almoçar no Parque quando os macacos nos dessem uma “folga”, vestir uma roupa parecida com uma UME (Unidade Móvel Extraveicular¹⁷) já que precisávamos estar muito bem equipados (blusas de mangas compridas, calça comprida e grossa, tênis para fazer trilhas, chapéus, perneiras, binóculos e câmeras pendurados) para adentrar na mata e seguir os

¹⁷ Uma referência as roupas usadas por astronautas.

macacos e por último arrumar a mochila com água, câmera fotográfica, repelente, filtro solar e um rolinho de tirar pelos de roupas¹⁸. Depois, era só dirigir até o Parque com o nascer do sol sabendo que retornaria no pôr do sol quando os macacos ficavam mais restritos a mata também para descansar.

Realizar na prática o trabalho de primatólogos me proporcionou um aprendizado e uma consciência muito profunda sobre o trabalho dos meus interlocutores e o meu próprio trabalho de campo, que aliás era o primeiro da vida. Não era apenas entender os jargões ou apreender as técnicas específicas do fazer científico da Primatologia com objetivos meramente descritivos e/ou instrumentais, mas também me engajar em todas as fases e atividades técnicas dessa ciência: aprender a reconhecer cada indivíduo, ajudar na habituação dos macacos, fazer os *scans*¹⁹, coletar dados, enfim, adentrar intimamente e ativamente na pesquisa de meus interlocutores.

Tendo apresentado os cientistas e servidores com quem trabalhei, a seguir, pretendo adentrar nos aspectos mais técnicos do fazer científico primatológico: O que era necessário para se fazer pesquisas com primatas em vida livre? Que métodos, técnicas e roupas utilizavam para executar suas pesquisas? Como se dava o encontro interespecífico entre nós primatas cientistas e o grupo de macacos-prego?

Macacos me mordam: uma antropóloga seguindo métodos primatológicos

As três pesquisadoras, Cecília, Joana e Felipa, em meu primeiro dia em campo, me contaram um pouco de suas trajetórias de pesquisa e um ponto forte que apareceu na fala delas era sobre suas lembranças de trabalho com macacos em cativeiro e em laboratório. Me confessaram que por mais que conseguissem se acostumar com esse tipo de trabalho, tinham lembranças ruins e gostavam muito mais de ver os bichos livres e vivos, como era no caso do grupo de macacos ali no Parque.

Cecília me contou que quando ela trabalhava no Centro de Primatologia localizado na FAL (Fazenda Água limpa) da Universidade de Brasília (UnB), ela se sentia incomodada com o tratamento que os bichos recebiam lá, mas que com o passar do tempo, ela conta que foi se acostumando, ficando mais fria em relação a isto, mesmo sabendo que poderia se adaptar ao

¹⁸ Cecília, nos primeiros dias de campo, me falou para comprar um rolinho de tirar pelos roupa para tirar os carrapatos no final do dia de trabalho. Os rolinhos eram realmente eficientes, quando esfregávamos na roupa saía todo grudado de carrapatos.

¹⁹ Referência ao método de amostragem nomeado de “varredura” e utilizado por cientistas em suas pesquisas, que tratarei mais adiante.

trabalho de lá, preferiu estudar os bichos livres²⁰ *in natura* e foi por isso que ela se engajou com esta pesquisa no Mestrado. Os primatas lá, segundo a pesquisadora, são vistos como “modelos experimentais”, “objetos”, enquanto na pesquisa que ela realizava ali, os macacos eram os “sujeitos” em questão.

Cecilia fez uma comparação entre ornitólogos (cientistas que estudam aves) e primatólogos. Para ela, primatólogos são mais afetuosos e veem os macacos como sujeitos, ela acredita que isso acontece devido a clara semelhança que existe entre nós e eles, “damos nomes aos primatas que estudamos, temos uma relação mais próxima, é difícil fazer isso com aves, pequenos roedores etc”. Isso me lembrou a primeira reunião que tive com Frederico, ele me falava sobre a clara diferença que existe entre a relação dos pesquisadores do grupo dele na Psicologia que estudam comportamento animal de primatas e os biólogos do Centro de Primatologia que os utilizavam como modelos experimentais em cativeiros testando fármacos, fazendo testes.

Ao que parece Frederico e seu grupo pareciam se distanciar dos cientistas que utilizam esses modelos animais (entre os mais utilizados: pombos e ratos) para pesquisas científicas justamente por acreditarem que primatas não serviam muito bem como modelos por terem uma flexibilidade comportamental tão complexa e ilimitada que é difícil enquadrá-los em “padrões típicos da espécie” como os cientistas interessados em realizar estudos sobre condicionamento em ratos e pombos (behavioristas) e *displays* em aves e peixes, por exemplo.

O desinteresse pelos estudos de primatas não humanos é histórico e se deu principalmente pelo motivo abordado acima. Mendes (2017, p.6) coloca: “a ênfase inicial dada a padrões inatos e “fixos” de comportamento retardou por muito tempo o interesse dos etólogos por primatas e outros mamíferos, animais muito mais flexíveis do que o previsto em seus modelos teóricos.”

O interesse pelo estudo sobre o comportamento de primatas foi ignorado pela ciência durante um bom tempo, mais especificamente, até metade do século XX. Mesmo as ideias de Darwin (1859) que ajudaram a desconstruir uma série de visões equivocadas sobre as comparações entre humanos e animais, não foram suficientes para garantir uma entrada efetiva dos primatas como objetos de interesse para os cientistas. Pode-se dizer que a importância do

²⁰ Aqui, seria possível problematizar a noção de “vida livre” por serem macacos inseridos no interior de uma área protegida o que determina certos “limites” a estes animais. No entanto, me contento a manter o termo como referido pela minha interlocutora com o objetivo de conservar o sentido de contraposição ao estudo de macacos em cativeiro/laboratórios citado por ela.

estudo de/com primatas se deu com a descoberta do “fator Rh” por meio de pesquisas com o macaco rhesus (*Macaca mulatta*) que principiou um grande interesse no uso de primatas em pesquisas biomédicas (MENDES, 2017).

Bom, feito esse breve histórico sobre o estudo de/com primatas, acredito ser oportuno me ater agora na pesquisa que meus interlocutores realizavam ali. Em meu diário de campo, narro: Cecília começou a me explicar como iria funcionar a dinâmica do trabalho. Por meio de uma amostragem focal e escolhendo um indivíduo do grupo para tal, ela gravaria as vocalizações com um gravador digital Sound Devices 72 conectado ao microfone ultradirecional Rode NT55A (imagens 9 e 10), e descreveria as variáveis e os comportamentos observados. A outra pessoa (algum estagiário) ficaria preenchendo uma tabela, chamada pelos cientistas de “etograma” a cada 2 minutos durante o tempo da amostragem. Ao completar esta tabela estaríamos utilizando um método de amostragem, chamado pelos cientistas por “scan” ou varredura, por justamente fazer uma foto (scannear) diversas informações sobre o contexto geral do grupo de macacos estudado.



Imagens 9 e 10: Gravador apontando para Mini (foto 1) e para Spike (foto 2) para melhor captar as vocalizações emitidas. Autoria: Mariana Machado

Nesta tabela, o etograma, preenchíamos informações como: o nome do indivíduo focal do momento, o lugar que estávamos no momento da coleta, quantos indivíduos estavam

próximos em um raio de 10 metros, qual o indivíduo mais próximo e o contexto geral (o que aconteceu) ao longo da gravação. Cecília me explicava que ela ficaria descrevendo os comportamentos realizados pelo focal (macaco escolhido) da amostragem (ela falava sempre em siglas para facilitar: lo: locomover; vo: vocalizar; co: comer; fo: forragear, etc) enquanto eu ficaria cronometrando e a cada 2 minutos, preencheria o etograma. Cecília necessitava sempre da ajuda de uma outra pessoa que ela e Frederico chamavam de “estagiário”, não só para preencher a tabela, como também por uma questão de segurança já que se pretendia gravar os macacos dentro da mata também.

Para entender a linguagem científica que meus interlocutores estavam usando a todo momento, principalmente, quando falavam dos métodos e do comportamento dos animais, precisava sempre estudar e ler para melhorar minha performance em campo²¹. Por isso, fui atrás de entender o que eles chamavam de “métodos de amostragem”, “etograma”, “scan”, “focal” etc.

Quando os cientistas vão iniciar uma pesquisa, é necessário, primeiramente, formular uma pergunta que exprima o que eles querem saber, para depois, escolherem a forma/método mais adequada para coletarem os dados. O etograma é “um inventário ou uma lista de unidades comportamentais de uma determinada espécie, acompanhado das respectivas descrições” (FREITAS; NISHIDA, 2007, p.52) ou seja, quando primatólogos observam durante um tempo animais de uma certa espécie, logo perceberam um “repertório” comportamental único daquela espécie. Depois de sistematizado o etograma, é necessário pensar em qual “método” se encaixa melhor para a pergunta que se está fazendo. Os primatólogos e os cientistas que estudam comportamento tem o que eles chamam de “métodos de amostragem”, que tem justamente esse nome por ser uma “amostra” representativa da população que se pretende estudar. Altmann (1974) sistematizou alguns desses métodos de amostragem (*sampling methods*), porém aqui me concentro em explicar apenas aqueles que foram utilizados pelos meus interlocutores: *ad libitum*, o *focal* e o *scan*.

O *ad libitum* ou registro livre é definido por ser praticamente um não-método, já que os pesquisadores descrevem e registram categorias quando acham relevante. É um método de quantificação subjetivo e impreciso, segundo os cientistas, sendo aceitável apenas para estudos preliminares e produção do etograma ou para o registro de comportamentos

²¹ Muitas das referências que conseguia para estudar vinham dos próprios cientistas, como De Waal (2005) e Yamamoto & Volpato (2011).

inesperados/diferenciados. Ou seja, os pesquisadores não utilizavam este método como um método, o *ad libitum* no campo só era recorrido quando algum evento inesperado acontecia ou quando alguma vocalização diferente fosse emitida, daí Cecília gravava e pedia para que colocássemos na tabela como *ad libitum*.

O método de amostragem *focal* se dá quando o pesquisador escolhe um sujeito/indivíduo do grupo que está pesquisando para ser foco de sua observação durante um período, nessa observação geralmente se registra o comportamento daquele indivíduo, e em “situações de interação social, por exemplo, anota-se com que indivíduo(s) esse animal-focal interagiu” (FREITAS;NISHIDA, 2007, p.61) no tempo observado. Esse método serve para que todos os indivíduos de um grupo sejam completados pela observação do pesquisador.

O *scan* ou *varredura* diferente do *focal* que seria um filme de cada sujeito, funciona como uma foto, um scan do grupo estudado, ou seja, durante um período estabelecido, registra-se o comportamento dos indivíduos do grupo estudado presentes no local. Como muito bem descrito por Freitas e Nishida (2007, p.62):

Fixa-se um determinado número de intervalos regulares de tempo dentro de um período. Ao final de cada intervalo as atividades comportamentais de todos os indivíduos à vista são instantaneamente registradas. Este tipo de amostragem proporciona informações pontuais sobre a ocorrência ou não de determinados comportamentos, identificando os indivíduos envolvidos.

É bastante comum primatólogos combinarem diferentes métodos para atender o objetivo de suas pesquisas, formando, assim, um método específico de coleta de dados. No caso da pesquisa de Cecília isso aconteceu, o método de coleta principal era o *focal*, no qual a pesquisadora escolhia arbitrariamente um sujeito do grupo e por meio de sessões de gravações o indivíduo focal era seguido a uma certa distância com o gravador apontado para ele de forma direcional a captar melhor as vocalizações emitidas pelo mesmo. Como dito anteriormente, a pesquisadora também tinha um microfone em que registrava de forma oral e simultânea o comportamento do focal (se ele estava comendo, forrageando, descansando etc.) e em eventos de forrageio, as variáveis ecológicas (tipo, quantidade, divisibilidade do recurso)²². Além do registro comportamental do indivíduo focal, quando Cecília começava um *focal*, os estagiários iniciavam uma amostragem tipo *scan*. Melhor explicando: a cada dois minutos, a partir do momento que se iniciava a sessão de *focal*, o estagiário começava uma amostragem *scan*

²² Agradecimento especial a Cecília que me disponibilizou o projeto de sua pesquisa para consultas posteriores.

(imagem 11) para registrar o contexto social (local em que está ocorrendo a amostragem [imagem 12], número de indivíduos em um raio de 10 metros do focal, identidade e distância do vizinho mais próximo do focal).

Data/ hora	Clima	Take	Focal	Tempo	Local	N indiv a 10m	Dist + próx	ID + próx	Contexto geral
22/01/19 16:28		401	Cotoca	0	P23	7	1 - 3 m	Rihana	VO, co, fo, partilha caju
				2	P23	7	3 - 5 m	Spike	
				4	P23	7	AR - 1 m	Romã	
				6	P24	7	AR - 1 m	Romã	
				8	P24	7	1 - 3 m	Goku	
				10	P24	7	3 - 5 m	Rihana	
22/01/19 16:41				12	P13	7	1 - 3 m	Rambo	

Imagem 11: Tabela (etograma) preenchida em que se observa a data e a hora da gravação, o número do take, o indivíduo focal (Cotoca), o tempo do scan (de 2 em 2 minutos), o local (consultar imagem 12), o número de indivíduos em um raio de 10 metros do focal, a distância do indivíduos mais próximo do focal, nome do indivíduo mais próximo do focal e o contexto geral da gravação (Cotoca, neste caso, vocalizou, forrageou, comeu e partilhou o alimento com Caju, seu filhote).



Imagem 12: Foto de satélite com um “ponteiro de relógio” para facilitar a identificação do local dentro da Piscina Velha (PV). Este modelo foi criado por Ricardo Vasquez Mota, para sua pesquisa também realizada no PNB, e posteriormente adotado por Cecília.

A coleta foi realizada através de sessões de gravações em que se escolhia um focal e dentro da amostragem *focal*, o contexto social era registrado através de uma amostragem de varredura, os scans, então, estavam sempre associados ao método focal como mostra a imagem 11. Importante colocar que os scans não eram “gerais” como promete o método, ou seja, não era para analisar o comportamento de cada indivíduo presente, mas sim, para apenas contextualizar os indivíduos que estavam próximos ou interagindo com o focal escolhido. O

objetivo era gravar o grupo na área da piscina, geralmente, procurando por recursos antrópicos (alimentos dos visitantes) e dentro da mata quando eles se alimentavam com recursos naturais, com o mínimo de interferência possível. Para isso, é preciso falar de outros dois aspectos importantes para os primatólogos: o *reconhecimento* e a *habituação*.

Identificando primatas, (re)conhecendo indivíduos

Antes de iniciar qualquer coleta por meio dos métodos de amostragem, era imprescindível que todos os pesquisadores estivessem afiados no reconhecimento dos indivíduos do grupo de macacos. Por isso, toda vez que um novo estagiário chegava para ajudar na pesquisa, Cecília despendia um tempo conversando e apresentando cada indivíduo do grupo para o pesquisador, já que em algum momento este deveria completar o etograma e para isso deveria saber muito bem reconhecer e saber o nome de cada indivíduo do grupo.

A fase de reconhecimento não é tarefa fácil se pensarmos que era necessário reconhecer cada indivíduo em um grupo que contava com 11 sujeitos, que possuíam características físicas muito semelhantes (tamanho, coloração do pelo, entre outros). Ou seja, para reconhecer bem os indivíduos do grupo era preciso tempo, prática, comprometimento e uma boa observação. Logo no primeiro dia que encontrei Cecília no Parque, ela já começou meu treinamento de reconhecimento dos macacos. As primeiras informações passadas sobre como identificar os indivíduos geralmente são as que dizem respeito a espécie no geral, como por exemplo: os machos mais adultos têm um topete bem definido e dividido (formato de duas montanhas); as fêmeas adultas também têm topete, mas não é dividido; os filhotes e jovens não tem topete nenhum e nem testículos aparentes.

Essas informações, geralmente para reconhecer o sexo dos macacos por meio do dimorfismo sexual entre eles, ajuda bastante, porém não resolve a questão do reconhecimento, já que precisávamos reconhecer cada indivíduo e não só o sexo correspondente a ele. Com o tempo fui percebendo que não só características físicas auxiliavam no reconhecimento deles, mas também características comportamentais e subjetivas que dependiam da relação de cada pesquisador com os macacos. Cecília dizia que cada um tinha uma “manha” para saber reconhecer os indivíduos, o que nos faz pensar que seja exatamente porque cada pesquisador tem uma relação única e um modo subjetivo e específico de observar o/com o grupo de macacos. Como por exemplo o caso de um macaco nomeado por Buraco que narro a seguir.

Alguns macacos, os mais velhos do grupo, já tinham sido nomeados por outros pesquisadores, como é o caso de um macaco nomeado por Buraco por ter uma espécie de

“buraco sem pelo” nas costas. Cecília comentava comigo e com os outros cientistas que não gostava muito desse nome. Depois de algumas observações, Cecília descobriu que o macaco não era macho e sim uma fêmea e decidiu renomeá-la. Com uma observação mais afiada Cecília e eu observamos que ela tinha uma marca em cima dos olhos por conta da cor dos pelos que se assemelhava com uma sobrancelha. Achei interessante a proposta de nome dado por Cecília: Frida, uma homenagem a pintora mexicana que também possuía sobrancelhas marcantes. Esse episódio é interessante para pensarmos o caráter subjetivo da relação entre primatólogos e primatas em campo que muitas vezes é apagado do processo científico. Sá (2013, p.129) comenta:

Atribuir a um macaco nomes humanos, repletos de afecções e experiências para o nomeador, vai além do simples ato de subjetivar um objeto, atribui-se a ele um sentido, que é pleno no primatólogo, e potencializado em sua relação com o *outro*, seu sujeito-objeto, o macaco. Nestes casos, a nomeação do objeto pode servir como afirmação clânica do pesquisador. Feito isso, sujeito e objeto passam a pertencer à mesma ordem, à mesma linhagem, compartilhando em seus próprios corpos as mesmas experiências e histórias de vida.

O reconhecimento é as vezes tão complicado que Cecília chegou a comentar comigo que talvez precisássemos capturar os bichos para fazer marcações e facilitar o reconhecimento²³ e desabafou falando que no início achou que não fosse conseguir diferenciar eles, porém com o tempo foi vendo é possível, pois cada indivíduo tem uma marca única e uma personalidade única também que ajuda no reconhecimento.

A captura nunca foi necessária, mesmo com as dificuldades do início e com os vários enganos cometidos no processo de reconhecimento. O tempo e a intimidade com os macacos possibilitaram um reconhecimento total de cada indivíduo do grupo pelos pesquisadores, especialmente por Cecília que no início tinha receio de não conseguir. É interessante perceber como é empolgante esse processo em que cada dia mais você está melhor no processo de reconhecimento, em vários momentos do meu diário de campo, narro essa experiência com muita empolgação, especialmente quando encontrava características únicas em um indivíduo que me ajudava a diferenciar do resto. Esta mesma empolgação era aparente em Cecília que sempre comentava comigo quando descobria um aspecto único dos indivíduos. Para os cientistas, é praticamente impossível passar tanto tempo convivendo e observando o grupo e

²³ As marcações teriam que ser com depilação pois tornozeleiras, por exemplo, não funcionariam para eles, já que macacos-prego são extremamente curiosos e habilidosos em abrir/manipular objetos.

ainda achar todos parecidos e indiferenciáveis, com o tempo, aproximação e intimidade as diferenças e as especialidades são gritantes e isso que torna todo o processo de reconhecimento interessante.

Cada macaco tem sua própria individualidade, tanto por conta de características físicas tanto por características comportamentais. Para facilitar o processo de reconhecimento, Cecília elaborou um álbum de reconhecimento (imagem 13), neste documento portava uma espécie de ficha para cada indivíduo do grupo com informações específicas de modo a facilitar o reconhecimento dos macacos por parte dos pesquisadores e para que estes, cada vez mais, pudessem estudar e melhorar sua performance em campo. Cecília deixava claro que aquele álbum era apenas para auxiliar os pesquisadores, mas que o ideal é que cada um tivesse referências que ajudassem a diferenciar cada indivíduo a sua maneira.

Certa vez, Frederico contou uma história mostrando acreditar que os macacos também reconhecem e fazem certa diferenciação entre nós e os outros humanos. A história era sobre um trabalho que ele fez no Zoológico de Brasília e acabou criando uma intimidade muito grande como uma macaca-aranha que ficava no recinto que ele estava trabalhando. Ele dizia que ela reconhecia ele de longe pois quando tinha vários visitantes rodeando o recinto e ele chegava, ela começava a vocalizar muito alto e olhar para ele e fazer gestos como se quisesse abraçá-lo. Certo dia, os cuidadores estavam tentando fazer ela entrar em uma gaiola e não estavam conseguindo de jeito nenhum por isso ligaram para Frederico que foi lá fazer com que ela entrasse. Ele conta que quando ele entrou na gaiola, ela entrou também demonstrando a confiança que ela tinha nele. Frans de Waal (2005, p.103) conta uma história de reconhecimento entre ele e uma chimpanzé:

Ela ainda está viva. Toda vez que visito o zoológico, Mama distingue meu rosto na multidão e arrasta seu esqueleto artrítico para mais perto, a fim de me saudar do outro lado do fosso. Ela até emite para mim os grunhidos arfantes indicadores de que me reconhece como alguém de status superior, muito embora eu possa garantir que numa luta com Mama eu não teria a mínima chance.

O caso narrado acima é interessante pois mostra a capacidade dos primatas não só de reconhecerem seres humanos, como também de fazer diferenciações entre os sujeitos. Podemos dizer, então, que o processo de (re)conhecimento entre primatas e cientistas não se dá apenas por uma via, de forma unilateral e sim por uma via de mão-dupla de forma que a nomeação e o reconhecimento acabam sendo percepções intrínsecas na relação entre humano e o animal não-humano, é portanto, necessária uma identificação bilateral. É uma relação em que ambos se

transformam, ou seja, é uma interação ou relação intersubjetiva, nos termos que Sá (2013, p.123) explica:

Esta relação – antes uma aproximação que um simples contato -, portanto, é compartilhada na medida em que nada se faz sem um acordo tácito com o outro [...] o que se torna patente em reflexões como a de Strier: ‘They were studying me as carefully as I was studying then’ (Strier,1992:38).


Rambo	Richar
Sexo: macho Faixa etária: adulto Marcas naturais: verruga abaixo do lábio no lado esquerdo Observações: macho alfa	Sexo: macho Faixa etária: jovem Marcas naturais: cicatriz no lábio inferior, do lado esquerdo Observações: filho da Rihana
Características físicas: Maior indivíduo, robusto, rosto quadrado, testículo muito aparente, topete bipartido se destaca. Comportamentais: costuma ficar na retaguarda do grupo, resolução de conflitos tanto com humanos quanto com outros indivíduos do grupo (displays de agressividade).	Características físicas: orelha grande e peluda, testículo aparente, não tem topete bipartido, corpo esguio. Comportamentais: uso de ferramenta.
	

Imagem 13: Fichas de identificação de Rambo e Richar do álbum de reconhecimento feito por Cecília.

Aqui, o processo de nomeação e reconhecimento são encarados como um “batismo”. Toda vez que um filhote nascia meus interlocutores o batizavam com um nome, ao “batizar” aquele primata não-humano, se aceitava também o caráter subjetivo da relação entre pesquisador-primata. Na fase do reconhecimento ambos, primatólogo e macaco, se distanciam de uma relação de mera projeção e demonstram os arrolamentos associados de uma relação regada de afeições e subjetividades de um reconhecimento mútuo entre os sujeitos envolvidos na relação (SÁ, 2013).

Depois de (re)conhecer, é preciso (co)habituair

Tendo falado da fase inicial do *reconhecimento*, ou seja, da identificação de cada indivíduo-macaco por parte dos pesquisadores, agora é necessário apresentar a fase chamada pelos primatólogos de *habituação* que consiste em um processo de “habituair” os macacos com a presença de cientistas na mata. Se antes tratei do olhar atento que os pesquisadores precisam ter para a identificar os indivíduos do grupo de macacos, desta vez, trato do *reconhecimento* e de certa forma da *aceitação* do grupo de pesquisadores por parte dos macacos. Aqui, é interessante colocar que o processo de reconhecer e ser reconhecido e de habituair e ser habituado, é necessariamente fruto de uma relação bilateral. Os cientistas só conseguem realizar suas pesquisas se (re)conhecem os indivíduos e quando são reconhecidos e aceitos pelos primatas não humanos, por isso, o processo de identificação e habituação entre cientistas e primatas se dá se forma mútua e relacionada entre os agentes desta relação (SÁ, 2013).

A habituação é um processo muito utilizado por cientistas que estudam o comportamento animal:

Apesar de nossa presença afetar o comportamento dos animais, várias espécies podem se habituair à nossa presença e, com isso, exibir o comportamento naturalmente. Por exemplo, em nossos estudos com peixes, notamos que os animais se refugiam no fundo do aquário quando entramos no laboratório. Porém, se nos sentarmos e não realizarmos movimentos bruscos, os animais voltam a exibir o comportamento normal (alimentação, defesa de território, corte) em cerca de 10 min. Outro exemplo famoso é o estudo com chimpanzés realizados pela grande pesquisadora, Jane Goodall. Ela conseguiu se aproximar dos grupos desses macacos para poder estudá-los após um período de habituação. (FREITAS; NISHIDA, 2007, p.60)

Geralmente a habituação se faz tão importante por dois motivos: o fato de os animais fugirem dos cientistas em campo e/ou ameaçarem seus pesquisadores humanos:

Inicialmente, quando os primatas ainda não haviam sido contatados, o trabalho de primatólogos consistia em “correr atrás dos macacos” – visto que eles fogem da presença humana – até habituá-los à companhia do pesquisador. Esta fase do trabalho é extremamente cansativa para os primatólogos, que têm de seguir por terra (em geral através de mata fechada) os macacos (muito mais ágeis e velozes) se locomovendo pela copa das árvores. Estima-se que esse momento também seja bastante estressante para os macacos, que constantemente ameaçam seus perseguidores bípedes. Esta

reação dos primatas à ação dos primatólogos tem fim quando os animais se acostumam com a presença dos cientistas. (SÁ, 2013, p.165)

Como colocado na citação acima, o mais comum no processo de habituação, é o cientista ter que “correr atrás dos macacos” já que eles fogem da presença dos humanos, porém, no caso do grupo de macacos que meus interlocutores estudavam, são os macacos que “correm atrás dos humanos”, pois o grupo já estava de certa forma “acostumado” com os humanos visitantes da área da piscina e tinham, de certa forma, um comportamento considerado “abusado” já que não fugiam da presença de humanos, e “ameaçam” e “atacavam” se fosse preciso para conseguir os alimentos antrópicos dos visitantes do Parque.

Antes de continuar, é preciso trazer um ponto importante, para isso trago uma conversa que tive com Cecília. Como era de costume, Cecília e eu sempre nos sentávamos em um banco para beber água, descansar e conversar. Naquele dia, iniciamos uma conversa sobre os outros grupos de macacos que existe no Parque além do grupo que acompanhávamos. Cecília falava que cada grupo se especializou em um tipo de alimentação (os da mata em uma alimentação mais natural e o grupo da piscina em uma alimentação mais focada em recursos antrópicos). Cecília usou o termo “selvagem” para caracterizar o grupo que fica mais restrito na mata. Questionei-a perguntando se o nosso grupo também não era selvagem e ela me respondeu dizendo que era também, mas que o grupo da mata era mais selvagem. De modo a me fazer entender o termo, me explicou que o grupo da mata fugia de humanos, ou seja, “eles tem medo da gente por isso fogem, como eles não são habituados e nem tem muito contato com humanos por não precisarem “roubar” comidas antrópicas, eles são mais selvagens. O grupo que a gente estuda é mais acostumado/habituado com a presença humana justamente por estarem sempre na área da piscina”.

Acredito que a categoria “mais selvagens” era atribuída ao grupo de macacos por estarem longe dos humanos, que eram bichos mais “naturais”, que ficavam mais para dentro da mata e não na parte “urbanizada” do parque. Enquanto o outro grupo seria os “menos selvagens” e mais habituados, justamente por estarem, ao contrário do outro grupo, nas partes esperadas que sejam ocupadas por visitantes e por conviverem com os humanos mais frequentemente. A idiossincrasia do grupo estudado pelos meus interlocutores permite uma reflexão interessante: sendo que as relações entre o grupo de macacos e os humanos são bastante complexas, como visto até a agora, é difícil classificarmos o grupo com termos tão dicotômicos como as categorias “selvagem” ou “doméstico”. Os encontros e as consequências destes se dão de uma

maneira *in-between* (FUENTES, 2007) que ultrapassam as tentativas de impor dicotomias a essas relações.

Ou seja, muito provavelmente, se Cecília tivesse optado seguir um grupo de macacos-prego mais restrito a mata, teríamos o problema de “correr atrás dos macacos” no processo de habituação, porém como acompanhávamos o grupo “menos selvagem” eram eles que “corriam atrás de nós”, fazendo display de agressividade²⁴, ameaçando, balançando galhos, mostrando os dentes, reação que causa muito medo nas primeiras vezes.

A fama de “ladrões abusados” que não tem medo de humanos que o grupo de macacos tinha não facilitava e nem deixava o processo de habituação mais fácil. Logo nos primeiros dias, era extremamente importante para os primatólogos criar estratégias de “aceitação” perante os macacos, pois era necessário seguir os macacos dentro da mata e não apenas na área da piscina. Portanto, pretendo me ater agora nas estratégias de habituação dos pesquisadores com os macacos e nas transformações das relações entre eles a partir destes encontros.

A primeira vez que entrei na mata foi logo no meu segundo dia de trabalho no Parque. Cecília, depois de me explicar sua pesquisa e detalhar como funcionaria nossa dinâmica de trabalho juntas, me convidou a entrar na mata e procurar os macacos que, segundo ela, poderiam estar nas redondezas da área que envolve a piscina. Cecília foi na frente, e logo me mostrou uma trilha que ela tinha aberto com Kaká²⁵. A trilha ligava a piscina velha com a piscina nova e era toda marcada com fitas laranjas de modo que sempre que você estivesse do lado de uma árvore marcada com uma fita, você veria a próxima árvore também marcada, impossibilitando assim, que os cientistas se perdessem no caminho. Cecília comentou que a abertura de trilhas é muito importante quando primatólogos precisam seguir macacos na mata, já que com as trilhas abertas a passagem ficaria bem mais simples e acessível para os cientistas no chão conseguirem acompanhar os ligeiros macacos em cima das copas.

Depois de tempo, Cecília percebeu um movimento típico da presença dos macacos: o balançar das copas das árvores. Demos de cara com Rambo, que veio rápido em nossa direção balançando os galhos, mostrando os dentes e vocalizando alto. Mesmo com medo, não tínhamos como sair dali, nem como fazer nada, começamos, então, a fingir uma certa “naturalidade”:

²⁴ Já tratei de explicar o conceito de “display” em uma nota anterior. Display de agressividade se refere, então, ao conjunto de sinais que demonstram um comportamento de ameaça, por exemplo, mostrar os dentes, balançar galhos etc.

²⁵ Kaká era outro primatólogo do grupo, mas na época estava fazendo pesquisa em Caratinga com os Muriquis. Conhecido como o “pé quente” do grupo por sempre ter sorte no avistamento de animais na mata.

ficamos olhando para o lado, sem encarar ele, fingindo que estávamos comendo folhas, coçando a cabeça, bem paradas e em silêncio. Só assim, e depois de um tempo, ele parou e seguiu seu caminho. Nesse momento, eu entendi o que Cecília queria dizer quando me revelou que o início das pesquisas de campo com bichos livres é sempre muito difícil. A habituação é uma parte fundamental para pesquisa e é muito delicada, como Cecília fala “dá medo, mas você tem que ficar lá, insistindo, se não o bicho nunca vai te aceitar ali, vai sempre te expulsar ou fugir de você. Tem pesquisas que não acontecem simplesmente porque o pesquisador não conseguiu habituar os bichos”.

Agora, detalhando as técnicas para habituação: Primeiramente o que me chamou mais atenção foram as vestimentas e instrumentos que deveríamos adquirir para fazer trilhas e acompanhar os macacos dentro da mata. Me alertaram que deveria providenciar uma perneira que me protegeria das cobras; um rolinho de tirar pelo de gato para passar na roupa e tirar os carrapatos que pegávamos dentro da mata ao longo do dia; por último, e também o que achei mais interessante, um chapéu que deveria ter uma cordinha embaixo do queixo para prender, pois diziam-me alguns primatólogos, “estudar macaco-prego é estar constantemente em risco de perder algum objeto, eles são muito curiosos e pegam tudo”. Era interessante irmos sempre com roupas compridas e da cor verde/terra para facilitar a habituação, Cecília percebeu que ir com a mesma roupa também facilitava o processo, então providenciamos um colete tipo de pescador para termos uma maior identificação e nos diferenciarmos dos outros humanos, além de ser uma vestimenta incrível para guardar os vários instrumentos que precisávamos para a coleta de dados (binóculos, celular, walktalks, microfone, tablet, luvas, etc).

Depois era necessário aprender instruções e procedimentos para saber lidar nas primeiras fases da habituação com os macacos. Frederico, pesquisador e orientador de Cecília, já tinha amplas experiências de habituação com macacos durante sua carreira e falou que seria interessante que emitíssemos um som específico toda vez que entrássemos na mata para que os macacos se acostumassem com a gente e reconhecessem esse som associando-o como uma não ameaça. E até comentou que era visto como barulhento por outros primatólogos quando vocalizava para entrar na mata, mas explicou, “mas eu quero é que os bichos saibam que eu estou chegando mesmo”.

Na mesma época também ouvimos a mesma coisa de Teresa, pois durante uma conversa, Cecília comentou com ela que Frederico tinha sugerido que talvez fosse bom fazer um barulho quando entrássemos na mata para eles “aprenderem” a reconhecer que era a gente que estava entrando e perguntei se ela fazia isso também, ela contou que se lembrava de todo dia chegar

no parque pela manhã e ir procurar os macacos nas trilhas que tinha aberto e assim que entrava na mata fazia um barulho também, que era para atrair eles e dizer “que estava tudo bem, pois era ela que estava entrando”.

Certo dia, depois de algumas vezes fazendo essas vocalizações, Cecília e eu entramos na mata e de cara encontramos Amarelo, um macho adulto do grupo. Sugerí que fizéssemos a vocalização, e assim que o fizemos, Amarelo olhou para gente e demonstrou muita curiosidade e interesse pois ficou nos encarando durante um bom tempo, fazendo uma expressão muito comum entre primatas quando estão curiosos (levantar e abaixar a região das sobrancelhas). Não reagindo de forma agressiva, apenas nos observou de uma distância relativamente próxima e de forma muito curiosa. Saímos muito felizes e esperançosas.

Outro procedimento importante para a pacificação da relação entre nós e o grupo de macacos era de sempre ficar “submisso” a uma possível ameaça. Em uma determinada tarde em que encontramos Teresa, uma primatóloga experiente, que já tinha estudado o grupo de macacos que Cecília pesquisava. Conversamos um pouco sobre a pesquisa de Cecília e Teresa nos instruiu sobre a habituação dos macacos, dizendo: “não é bom vocês olharem no olho deles, nenhum primata gosta disso, nem a gente, já reparou? Além disso, não é para enfrentar, correr, gritar de forma alguma. Se eles vierem ameaçar ou expulsar vocês, a primeira coisa que vocês tem que fazer é abaixar, tem que abaixar mesmo, ficar de cócoras, mostrar pra eles que você está “submisso”, isso funciona inclusive porque eles fazem isso entre eles, quando está acontecendo alguma briga e um deles fica com um comportamento submisso, o outro para de brigar”.

Um episódio que exprime muito bem como é o processo de habituação de cientistas e macacos, foi na primeira vez (imagem 14) que eu entrei na mata com Frederico e Cecília para procurar os macacos. Frederico, com um tom experiente, logo alertou que se a gente encontrasse com eles e tivesse algum *display* de agressividade era para fingir que não era com a gente, não podia gritar, correr, fazer movimentos bruscos porque fazia parte da habituação dos bichos. Então entramos na mata pela trilha que já estava aberta e que eu já conhecia e fomos seguindo o córrego, toda hora parávamos, olhávamos para cima, nas copas das árvores, para ver se percebíamos alguma movimentação típica deles. Quando encontramos Rambo, fizemos uma vocalização para ele “saber” que estamos entrando e logo em seguida ele nos levou para

todos os outros do grupo que estavam aparentemente bem tranquilos com a nossa presença ali²⁶. Porém, sem saber ao certo o que tinha acontecido, Rambo e Amarelo vieram em nossa direção, principalmente para o lado de Frederico, fazendo *display* de agressividade e um comportamento agonístico, ambos estavam “gritando”, balançando galhos, tentando encostar na gente. Ficamos durante um tempo naquela encruzilhada.



Imagem 14: Frederico e Cecília andando na mata a procura do grupo de macacos-prego para treinar a habituação dos bichos.

Frederico ficava “conversando” com o Rambo “como se fosse gente”: “Ei Rambo, para com isso, rapaz, para que isso? Tá tudo bem, garoto” enquanto íamos andando para trás devagar. Chegamos perto de um córrego e percebemos que estávamos cercados pois a nossa frente estava Rambo, atrás o Amarelo e não tínhamos mais como andar por conta do córrego que impedia a nossa passagem. Frederico comentou: “meu deus, eles tão vindo tão rápido e estão tão perto agora que o próximo galho que ele pular, sou eu”. Quando conseguimos, enfim, sair daquela encruzilhada no mato, Frederico comentou que quase teve um “ataque cardíaco”, que nunca tinha presenciado ameaças assim, nem com os Muriquis, espécie de macacos que estudou por um bom tempo. Comparou os macacos prego com os Muriquis dizendo que os Muriquis eram tranquilos, hippies e os macacos-prego eram doidos, histéricos, agitados, “punks”.

²⁶ Lembro que me tranquilizei pois no dia anterior eu e a Cecília tínhamos entrado na mata e seguindo Amarelo, e com as vocalizações que emitimos ele tinha ficado bem tranquilo com a nossa presença ali.

Conversando com eles depois do episódio violento, engraçado e desesperador, fiquei os ouvindo falar sobre como não era muito comum esse tipo de comportamento em macacos-prego, pois geralmente quando existe o encontro com humanos, eles fogem, porém, como disse anteriormente, esse grupo tem uma particularidade: como o encontro com os humanos é diário, eles já estão acostumados com a nossa presença e, por isso, não tem medo de “enfrentar”.

Lembro que fiquei bastante tensa e com medo, já tinha consciência de que poderia acontecer, mas acredito que subestimei os macacos pelo tamanho deles. No final, perguntei para Frederico o que deveríamos fazer nessas situações e ele só me respondeu: “Não sei. Você sabe rezar? Então, reza”.

Seguimos todos esses procedimentos e cada dia era uma surpresa no processo de habituação. Nos primeiros encontros eles vinham três ou mais vezes tentar expulsar a gente, depois de algumas semanas, apenas uma vez por dia, até chegar um período que passávamos quase o dia todo dentro da mata e eles não vinham nem uma vez tentar expulsar. Certa vez, Frederico me falou: “a maior conquista na habituação de primatas é quando eles nem tentam mais te expulsar, e, nem fogem de você, eles te olham e ficam nem aí pra você”. Este ponto pode ser conferido no relato de Frans de Waal (2007, p.31) com chimpanzés:

Trabalho com cerca de quarenta chimpanzés que vivem ao ar livre na Estação de Campo do Centro Nacional de Pesquisa sobre Primatas Yerkes, próximo a Atlanta. Conheço-os há muito tempo, e os vejo como personalidades distintas. Eles também me conhecem bem, e a recepção que me deram foi a mais ansiada por todo o pesquisador: tratara-me como a uma peça da mobília. Fui até a cerca dizer olá a Tara, de três anos; sua mãe, Rita, estava sentada no alto de um trepa-trepa. Rita limitou-se a relancear os olhos para nós, após o que prosseguiu fazendo grooming em sua própria mãe, avó de Tata. Se fosse um estranho a passar por perto, Rita, que é muito protetora, imediatamente teria descido num salto para pegar a filha. **Senti-me honrado com seu desinteresse. [grifo meu]**

Certa vez, entramos na mata eu, Cecília e Celeste seguindo Mini, que nos levou a todos os outros macacos minutos depois, sempre mantendo uma distância razoável, próxima, porém nunca na frente deles. Como não dava para gravar, ficamos sentadas admirando as coisas que Mini fazia e ele retribuía a ação nos observando também: a expressão de abaixar e levantar as sobrancelhas dele deixava clara sua curiosidade perante a nós e ao que fazíamos ali. Não teve nenhum *display* de agressividade dirigido a nós naquele momento, dentro da mata, o que fez Cecília dizer que parecia que eles estavam totalmente habituados com a nossa presença. Como

explica (SÁ, 2013, p.128) “as relações entre primatas não humanos e cientistas são intersubjetivas pelo fato de serem “resultantes da ação de, e, constituintes de dois ou mais sujeitos”. No relato de De Waal acima ele também nos atenta para esse ponto: os primatas conhecem os cientistas do mesmo modo que os cientistas conhecem cada indivíduo e sua personalidade, isto faz com que a relação entre os vários sujeitos seja intersubjetiva e não uma mera projeção humana.

Devido a especificidade do grupo de macacos estudado pelos cientistas que acompanhei que na fase da habituação não fugiam, mas sim ameaçavam, inicialmente, os primatas humanos, não podíamos comer perto dos macacos, pois eles podiam vir querer roubar nossa comida também. Certo dia estava acompanhada de Joana, Cecília e Rodrigo e alguém soltou a seguinte reflexão que gerou boas risadas entre nós: “fazer pesquisa com esses macacos é como estar de dieta: temos que correr o dia todo atrás deles e não podemos comer nada”. Aqui, é interessante perceber que os pesquisadores por terem que seguir a mesma rotina dos macacos acabam se transformando no processo.

Quando comentei esse caso com Frederico, ele concordou e me contou outra história: “Certa vez, quando eu estava estudando os Muriquis, tinha que andar muito rápido para alcançar o trajeto deles até as *Mabea fistulifera* - fruto importante na dieta desta espécie de primatas - e no meio do caminho encontrei um outro amigo primatólogo que estudava os Bugios (*Alouatta*) da região, que acompanhando seus primatas, acabou dormindo no chão”. Logo comecei a pensar nas diferenças de rotina e comportamento que cada pesquisador tem a depender do bicho que estuda, no caso de meus interlocutores, quando os macacos estavam por perto, não podíamos parar um minuto devido a “hiperatividade” dos macacos-prego. Ao mesmo tempo que os pesquisadores deveriam habituar o grupo de macacos para realizar a pesquisa, os macacos também habituavam os pesquisadores às suas rotinas. No final de um dia cansativo, pois tivemos que ficar andando por horas procurando os macacos que ficaram a maior parte do tempo dentro da mata, Armando comentou comigo: “Trabalhar com humano é mais fácil né, só combinar o local de encontro e falar: cheguei! Aqui não, trabalhar com bicho é outra coisa!”, me lembrando, mais uma vez, a comparação entre “mexer com gente” e “mexer com bicho”.

(Re)conhecer, ser aceito e não interferir

Depois de ter falado das etapas do processo de fazer ciência com primatas, ou seja, reconhecer e ser aceito pelo grupo, agora vou tratar de um aspecto caro para os cientistas, especialmente aqueles que se dedicam ao estudo do comportamento de animais em vida livre:

a não interferência. Cientistas naturais prezam muito pela objetividade na coleta de dados e pela não interferência no comportamento do grupo de animais estudado. Em artigos sobre métodos de estudo do comportamento animal, não é difícil encontrar as seguintes sugestões metodológicas:

O registro do comportamento sempre vem acompanhado de uma variável que, embora difícil, temos que tentar controlar. Trata-se do efeito que o observador tem sobre o comportamento dos animais. A presença do pesquisador é algo diferente no ambiente. (FREITAS; NISHIDA, 2007, p.60)

Outro problema de objetividade é distinguir claramente o que foi observado e o que é interpretação sobre o observado. Deve-se relatar apenas o que foi observado. [...] Durante as observações, deve-se evitar ao máximo a interferência do observador. (ARAÚJO *et al*, 2005, P.487)

Evitar que a presença do observador represente um fator de interferência na interação entre os animais estudados. Além disso, descrever os sinais numa linguagem essencialmente objetiva, evitando o caráter interpretativo. (ARAÚJO *et al*, 2005, p.490)

As recomendações acima deixam claro que subjetividade e interferência ainda são um tabu nas ciências que se dedicam estudar o comportamento de não-humanos. Prestando atenção que estes cuidados de pesquisa também eram caros aos meus interlocutores. Comecei a reparar que todas as vezes que chegava um estagiário novo para realizar ajuda na coleta de dados, Cecília sempre dedicava um tempo para falar da não interferência no comportamento natural dos animais. Seja a interferência de ser um estímulo negativo ou positivo para aquele grupo, seja a preocupação de ter uma observação não objetiva do grupo estudado.

Antes de começarmos os focais, Cecília explicou para Armando e Celeste: “Eu tento sempre ser neutra para eles, não ser nem um estímulo positivo, nem um negativo para não atrapalhar nas gravações”. Depois conversando com Cecília, percebi que a pesquisadora não estava querendo dizer que os macacos não nos reconhecessem ou que fosse possível não ser percebida por eles. Apenas tinha o cuidado de não antropomorfizar suas observações e não ter reações que prejudicassem a habituação dos macacos em relação a ela. Por exemplo, se reagisse as ameaças de ataque dos macacos com gritos e violência, ela poderia criar uma aversão destes pelos pesquisadores - que dificultaria o processo de ser aceito no grupo - o mesmo poderia acontecer caso desse comida para eles, que acabariam vindo sempre ao nosso encontro na tentativa de ganhar mais, condicionando os animais. Sá (2013, p.165) complementa:

Quando primatólogos estão na mata, observando os macacos, têm por princípio não interagir com seus objetos de pesquisa. Preservando a invisibilidade dos pesquisadores pretende-se deixar os macacos inteiramente à vontade em seu habitat natural. Esta ideia alia a eficácia dos dados científicos coletados à “performance natural” dos macacos.

Um outro exemplo desta preocupação, aconteceu em uma tarde em que conversamos sobre as dificuldades de realizar pesquisas com animais. Comentei com Cecília que éramos “privilegiadas” pelo fato de o grupo de macacos não fugirem da gente, já que o comum é eles correrem dos pesquisadores em campo, e Cecília concordou comentando que para a Jane Goodall, por exemplo, foi muito mais difícil, já que ela ficou tentando por meses se aproximar dos chimpanzés e eles sempre fugindo. E terminou comentando que depois de muita insistência ela conseguiu ser um “*estímulo neutro*” para eles, e por isso conseguiu ser aceita pelo grupo. Estímulo neutro, então, é a não interferência no comportamento dos indivíduos do grupo que se está acompanhando. Na visão dos primatólogos, o ideal é quando eles conseguem estar com os primatas na mata sem provocarem neles nenhum tipo de estresse, fuga, medo etc. É quando chegam no estágio da habituação, no qual, conseguem observar os primatas “naturalmente”, ou seja, quando a presença dos cientistas não altera mais o estado dos macacos.

Mesmo que a ideia de objetividade e não interferência esteja sendo revista por alguns cientistas, ela ainda é bastante difundida entre as ciências naturais como um padrão a ser seguido para que os dados de uma pesquisa sejam levados a sério. Porém, as relações entre pesquisador e pesquisado não se mostram tão “duras” quanto se espera delas, se pensarmos que, para uma pesquisa funcionar, macacos precisam (re)conhecer primatólogos como não ameaças e aceita-los por perto, de forma a não precisarem correr ou ameaçar os pesquisadores humanos; e primatólogos precisam nomear e reconhecer cada indivíduo do grupo. Estes tipos de interações nos mostram que “a relação entre primatólogo e primata na floresta é mutuamente percebida, o que torna o ato de observar e ser observado um sistema relacional” (SÁ, 2013, p.165).

Tendo acabado de falar um pouco sobre o fetiche da objetividade imparcial nas pesquisas científicas enquanto um fator crucial e o estímulo neutro como quase uma condição para ser levado a sério no meio científico, me comprometo, no próximo tópico, a trazer dados que me atentaram mais ainda para a importância de localizarmos os saberes, coadunando com Haraway (1995:22): “Vinculado a essa suspeita, este texto é um argumento a favor do conhecimento situado e corporificado e contra várias formas de postulados de conhecimento

não localizáveis e, portanto, irresponsáveis. Irresponsável significa incapaz de ser chamado a prestar contas.”

“Primatologia é a ciência do futuro”

O fato de muitas primatólogas famosas, como Jane Goodall, Birute Galdikas e Karen Strier, terem o título de “antropólogas” possibilitou um entendimento (ou uma confusão)²⁷ maior acerca do que eu estava fazendo ali por dois motivos: o primeiro se baseava na ideia de que se Jane Goodall, por exemplo, trabalhou com chimpanzés e tinha o título de antropóloga, não era estranho eu estar estudando cientistas e macacos-prego ali; e o segundo, e mais importante para mim agora, o fato da Primatologia ser formada por um grande número de mulheres e isso parecer se refletir até no meu campo que teve a presença majoritária de mulheres cientistas, fato que acredito que ter me dado mais acesso e oportunidade de certas aproximações e conversas importantes para a discussão que faço a seguir.

Começo trazendo o caso de Garner, um naturalista inglês, que queria conquistar o título de primeiro pesquisador a realizar um estudo com os grandes primatas na África:

Garner planejou uma expedição à África, no final do século XIX, com o intuito de coletar material zoológico e botânico. Além disso, Garner tinha uma ambição a parte: se tornar o primeiro pesquisador do comportamento natural dos grandes primatas (chimpanzés e gorilas). Para isso construiu, em plena selva africana, uma ampla jaula reforçada. O objetivo não era aprisionar sujeitos, mas sim proteger-se, de dentro da jaula, dos seres brutos e irracionais que esperava encontrar. A expectativa de Garner mostra que pouco havia mudado na forma como chimpanzés e gorilas eram vistos pelos humanos apesar de Darwin. Como seria de se esperar, Garner conseguiu apenas observações esporádicas, na maioria de animais que passavam a distância, e não avançou muito o conhecimento primatológico. (MENDES, 2017)²⁸

Esse caso é um claro exemplo de como os primatas não-humanos, principalmente os do Velho Mundo, eram vistos até o séc XX: como feras brutas e irracionais. E nos mostra como a forma de coletar dados em comportamento animal se baseava em “manter-se a distância” mesmo “estando por perto”. Após a segunda guerra, na década de 1950 e 1960, a Primatologia sofreu uma grande transformação. A metodologia de observação dos grandes primatas era

²⁷ O título de antropóloga de Jane Goodall, Birute Galdikas e Karen Strier é baseado na Antropologia Americana dos *four fields* que se difere bastante do título de Antropóloga Social no Brasil, que é o meu caso.

²⁸ Material é um manuscrito não publicado, elaborado pelo Professor Francisco Dyonísio Cardoso Mendes, para a aula de Comportamento de Primatas na Universidade de Brasília.

primeiro, com primatas de vida livre e segundo, bastante descritiva lembrando um pouco a escrita etnográfica, como o exemplo de pesquisa realizado pela primatóloga Jane Goodall:

A sensibilidade, inteligência e tenacidade de Goodall foram responsáveis pelas primeiras observações de “caráter” etnográfico sobre contato com chimpanzés livres, ao mesmo tempo, o modo como registrou os fenômenos observados e elegantemente expressou suas reflexões e experiências (Goodall, 2000, 1991) tornam seus artigos e livros imensamente familiares ao leitor antropólogo. O irônico é que se, de um lado, a leitura de seus relatos remete, facilmente, qualquer antropólogo a Boas (1940) ou Malinowski (1978), de outro, apesar do enorme respeito que Goodall possui entre os primatólogos, é fácil constatar que seu modo de fazer pesquisa não recebeu muitas adesões. (Rapchan, 2005:19).

Jane Goodall, ao contrário de Garner, era uma jovem mulher, sem credenciais acadêmicas e que ainda por cima tinha um método oposto daquele experimentado por Garner. Ao invés de se trancar em jaulas no meio da floresta para se proteger dos “brutos” animais que ali estavam, Goodall apostou em uma observação livre, descritiva e sensível permitindo interações diretas entre ela e o grupo de chimpanzés.²⁹ Jane Goodall no documentário “Jane: a mãe dos chimpanzés” conta que quando divulgou suas “descobertas” sobre o uso de ferramentas em chimpanzés, sofreu uma série de ataques e acabou sendo reduzida por muitos como apenas “a mulher jovem e bonita que vivia entre os macacos”. Jane além de mulher não era acadêmica e se relacionava com os macacos de uma maneira diferente do fora visto até então: Ela atribuía nomes aos macacos, interagia com os macacos, fazia uma descrição dos comportamentos “em termos humanos”, ou seja, utilizava metodologias absurdas aos olhos dos cientistas da época:

Quando os notáveis do departamento de etologia de Cambridge descobriram o que ela tinha andado a fazer, ficaram chocados. Não obstante as suas descobertas, Jane era culpada do crime mais hediondo no reino da ciência: antropomorfizar, ou atribuir traços humanos aos animais. Dar nomes aos chimpanzés! Descrever o seu comportamento e interações com terminologia de humanos! O que poderia ser mais ridículo? Mais, era ciência errada e à antiga, algo que colidia com a objetividade pura e dura, prezada pelo pensamento da altura.” (KARBO, 2019)³⁰

²⁹ É importante dizer que o método de Jane Goodall de aproximação dos chimpanzés já foi bastante revisto e criticado pelos especialistas da área.

³⁰ Retirado de uma matéria online do National Geographic e pode ser acessada em: <https://www.natgeo.pt/historia/2019/01/jane-goodall-como-uma-mulher-redefiniu-humanidade>

Feito essa comparação entre dois pesquisadores que possuíam maneiras de pesquisar quase que opostas, apresento dados de campo que me ajudaram a inserir neste debate. Sendo apenas três homens e seis mulheres, a maioria dos cientistas com quem trabalhei eram mulheres, o que de certa forma, possibilitou que situações, conversas e desabafos sobre mulheres em campo e mulheres na Ciência fossem mobilizados de forma mais fluida e mais recorrente entre nós.

No campo, certos acontecimentos pareciam “gritar” me dizendo que eu não poderia deixá-los passar. A seguir, irei tratar de dois aspectos: primeiramente, os desafios de fazer campo sendo uma mulher pesquisadora e em segundo lugar, diferenças de olhar entre mulheres e homens no fazer científico. No meu segundo dia de campo, entramos na mata por volta das 9h30 da manhã, buscando pelos macacos, estávamos eu, Joana e Cecília. Vimos Cotoca, uma fêmea adulta que possui esse interessante nome pelo fato de não ter o rabo. Como é uma fêmea difícil de aparecer, pois fica sempre de forma periférica no grupo de macacos, aproveitamos e fizemos um focal dela. Tivemos que adentrar a mata para seguir, mas depois de 5 min, ela sumiu. Quando saímos da mata, encontramos o carro do ICMBio com dois homens que abordaram a gente perguntando o porquê de estarmos dentro da mata sozinhas. Cecília, logo tirou sua autorização de pesquisa da mochila e apresentou aos fiscais. Mesmo depois de ter apresentando o documento, a abordagem dos fiscais homens não parou, continuaram dizendo que deveríamos tomar cuidado pois ali havia muitos bichos perigosos etc. Nesta hora, Cecília ficou um pouco irritada com a abordagem e respondeu com certa imposição “eu sou bióloga, faço mestrado e tenho autorização para pesquisar aqui”. Só assim, os fiscais liberaram a gente. O interessante foi a reflexão que Cecilia fez ao sairmos dali: “Eles trataram a gente como se fossemos meninas indefesas! Se tivesse sido três homens saindo da mata, eles, certamente, não teriam abordado dessa maneira insistente”.

Certo dia tive uma conversa com Felipa e Cecília, enquanto esperávamos os macacos chegar na área da piscina. Conversávamos sobre as vestimentas que deveríamos adquirir exigidas pelo nosso campo que era em parte dentro da mata (fazer trilhas, acompanhar os macacos em matas fechadas). Comentei que estava sendo difícil achar tênis próprio para entrar na mata ao que Cecília rapidamente comentou: “Na verdade, é difícil achar tênis de trilha para mulheres! Não tem tamanhos menores e quando achamos sempre é cor de rosa com desenhos infantis, é só colocar na internet para ver as imagens que aparecem”. Em seguida, comentamos também sobre a dificuldade de comprar em lojas. Lembro-me bem do dia que fui até uma loja de pesca para comprar vestimentas específicas para o campo, e assim que perguntei para o

vendedor se ele tinha um colete TKM, ele respondeu já esperando que eu estava comprando o colete para um homem e não para mim mesma.³¹

Esses dados mostram que, assim como Jane Goodall, no período que estudou chimpanzés e realizou diversas descobertas que abalaram o mundo científico, mulheres cientistas tem mais dificuldade de serem aceitas no meio científico e acadêmico e que ainda hoje, muitas vezes, não são levadas a sério. Isso porque a Academia sempre foi um espaço ocupado por Homens Brancos do Norte global, por isso pensar em saberes localizados e corporificados é tão importante se queremos ter uma visão feminista da ciência que de fato desconstrua os estereótipos de gênero e a dominância de referências masculinizadas na ciência. Haraway (1995:24) coloca:

Assim, como muitas outras feministas, quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver. Mas não é qualquer perspectiva parcial que serve; devemos ser hostis aos relativismos e holismos fáceis, feitos de adição e subsunção das partes.

Me atendo agora, ao segundo ponto: as mulheres fazem ciência de modo diferente? Esta pergunta retirada do livro “O feminismo mudou a ciência?” de Londa Schienbinger, tem sido bastante debatida entre as mulheres. Para Londa (2001:38):

Testar a hipótese de que mulheres *qua* mulheres podem fazer ou têm feito ciência diferentemente (ou mesmo de que o feminismo faria uma diferença) iria requerer um estudo complexo de história da ciência. Embora tanto mulheres como feminismo sejam variáveis importantes, mudanças nos métodos e substância da ciência resultam de um vasto conjunto de fatores sutis e não tão sutis.

Coadunando com a ideia de que não é tão simples afirmar que mulheres fazem (ou não) ciência de modo diferente, não pretendo encerrar a questão aqui, apenas apresentar dados que, de certa forma, me inserem neste debate. Tendo percebido que as mulheres cientistas que acompanhei ao observarem um fato geralmente tinham uma perspectiva bem diferente daquelas enunciadas por homens do mesmo fato, e que a Biologia se autodeclara, muitas vezes, como uma ciência que busca a objetividade e por consequência a imparcialidade dos dados, me

³¹ Várias outras dificuldades são enfrentadas por mulheres que se dedicam a fazer pesquisas de campo. Além das que comentei, outros problemas foram compartilhados comigo e merecem ser lembrados. Cito alguns exemplos: assédio moral e sexual, descrenças na competência, inteligência e formação das mulheres pesquisadoras por parte dos homens, exclusões de viagens de campo por serem mães, entre outras.

interessa perceber e apresentar as diferenças e subjetividades entre homens e mulheres em ser olhar e modo de fazer ciência.

Procurando os macacos ao redor da piscina, Cecília, Joana e eu percebemos uma movimentação estranha de um dos lados da mata e quando olhamos, vimos que tinham 3 passarinhos da espécie saí-azul (*Dacnis cayana*). Cecília logo reconheceu que era um macho, uma fêmea e um terceiro que parecia ser um filhote. O reconhecimento por parte da bióloga sobre os sexos dos passarinhos se deu pelo dimorfismo sexual presente na espécie, no qual, o macho possui a cor azul, a fêmea cor verde e o jovem uma cor não muito definida, porém mais puxada para o verde. Percebemos que o macho estava em estágio de vigia pois estava na árvore observando tudo, e a fêmea estava parecendo ajudar o filhote que estava no chão, imóvel. Logo Cecília concluiu que era a mãe tentando salvar o filhote que caíra do ninho e o pai vigiando em cima e fazendo a guarda caso algum predador se aproximasse. Depois de um tempo, percebemos que a mãe desistiu de auxiliar o filhote que parecia morto no chão e ficou no mesmo galho que o macho estava. Depois de alguns instantes presenciamos uma rápida e fascinante cópula entre os dois que depois do ato ficaram um do lado do outro vocalizando para depois voarem para longe de nós.

Cecília pegou o jovem machucado e tirou fotos para mandar para um biólogo homem. Ele não sabia ao certo o que tinha acontecido entre os três pássaros, mas apostou que era uma competição entre fêmeas pelo macho presente e a que “ganhou” conseguiu a cópula. O que me instiga neste acontecimento não é quem está certo ou quem está errado e sim as quase opostas interpretações que as pesquisadoras mulheres tiveram do biólogo homem. Foi a partir desse ocorrido que comecei a perceber empiricamente as diferenças de percepções entre cientistas homens e cientistas mulheres. Por que, logo de cara, mulheres cientistas apostaram em um comportamento de cooperação e resgate entre os pássaros enquanto o biólogo homem dizia que era uma disputa entre fêmeas por um macho?

Outro episódio ocorreu no fim de um dia de trabalho. Rodrigo, Cecília e Frederico observavam e comentavam sobre o comportamento do grupo de primatas. Em certo momento, Richar e Rambo começaram a realizar uma ação que parecia uma tentativa de cópula entre dois machos. Cecília ficou bastante animada e interessada pelo ocorrido e comentou que nunca tinha visto uma relação homossexual entre os macaco-prego. Aproveitando o comentário de Cecília, os pesquisadores homens sugeriram a ideia de que teria sido apenas uma brincadeira entre os dois e não uma relação homossexual entre primatas. Cecília e eu não concordamos muito com a visão dos dois pesquisadores e depois de muitos meses do ocorrido, Cecília me contou

animada que tinha visto outras vezes o mesmo comportamento entre os dois e que era sim uma relação homoafetiva e não apenas uma “brincadeira” entre dois machos. Isso me lembrou da discussão que Haraway (1995) faz sobre as Ciências ocidentais e modernas serem frutos de um olhar masculinista, branco e heteronormativo.

Portanto, trago esses episódios não para esgotar o debate de que mulheres fazem ciência de maneira diferente ou que fazem ciência melhor do que homens, mas refletir sobre como as subjetividades e as diferenças de interpretações são importantes fatores que devem ser levadas em conta em toda pesquisa já que não acredito ser possível fazer uma ciência deslocalizada ou descorporificada. Haraway (1995) completa:

“Eles contam fábulas sobre a objetividade e o método científico para estudantes nos primeiros anos de iniciação, mas nenhum praticante das altas artes científicas jamais seria apanhado pondo em prática as versões dos manuais. Os adeptos da construção social deixam claro que as ideologias oficiais sobre a objetividade e o método científico são péssimos guias, particularmente no que diz respeito a como o conhecimento científico é realmente fabricado. Quanto ao resto de nós, há uma relação muito frouxa entre o que os cientistas acreditam ou dizem acreditar e o que eles realmente fazem.”

Já foi bastante debatido o fato da Primatologia, em especial, ser uma ciência feminista, entre os diversos “porquês” deste título, há dois que quero exaltar: primeiro, o fato de estaticamente as mulheres serem maioria dentro da Primatologia – número que vem aumentando e atualmente possui 80% de todos os doutorados – e o segundo é o fato de a Primatologia ser um campo no qual mulheres vem subvertendo vários pressupostos teóricos fundamentais (Londa, 2001), como o caso de Jane Goodall comentando anteriormente.

A questão da reavaliação do papel das fêmeas é um ponto importante trazido por Londa (2001). Cecília me contava que quem mandava no grupo, em muitos aspectos, era a Rihanna, fêmea-alfa. Quando ela queria acasalar, era ela quem fazia *display* de corte³² para Rambo, jogando pedrinhas, cutucando-o para chamar atenção. Fora isso, os primatólogos reconheciam Rihanna como a maior “batedora” do grupo, ou seja, a que ia na linha de frente buscar comida enfrentando os humanos, foi só quando soube disso que entendi o porquê do nome dela, ela é a estrela do grupo, a fêmea-alfa.

³² Display de corte significa o conjunto de sinais que expressão um comportamento de tentativa de acasalamento, cópula.

Os comentários em torno de Rihanna me chamavam atenção por parecerem ser frutos de uma transformação que a Primatologia teve que passar com a reavaliação do papel da fêmea. Nos comentários de meus interlocutores, principalmente das mulheres, não via muitos comentários seguindo a lógica da passividade das fêmeas e a dominância e agressividade nos machos. Londa (2001) comenta sobre fêmeas que, como Rihanna, “esqueceram de ser tímidas”: “Contradizendo estereótipos de passividade entre sua espécie, essas fêmeas perseguiram promiscuamente machos, procurando copulação além do que era necessário para fertilização” (2001:252).

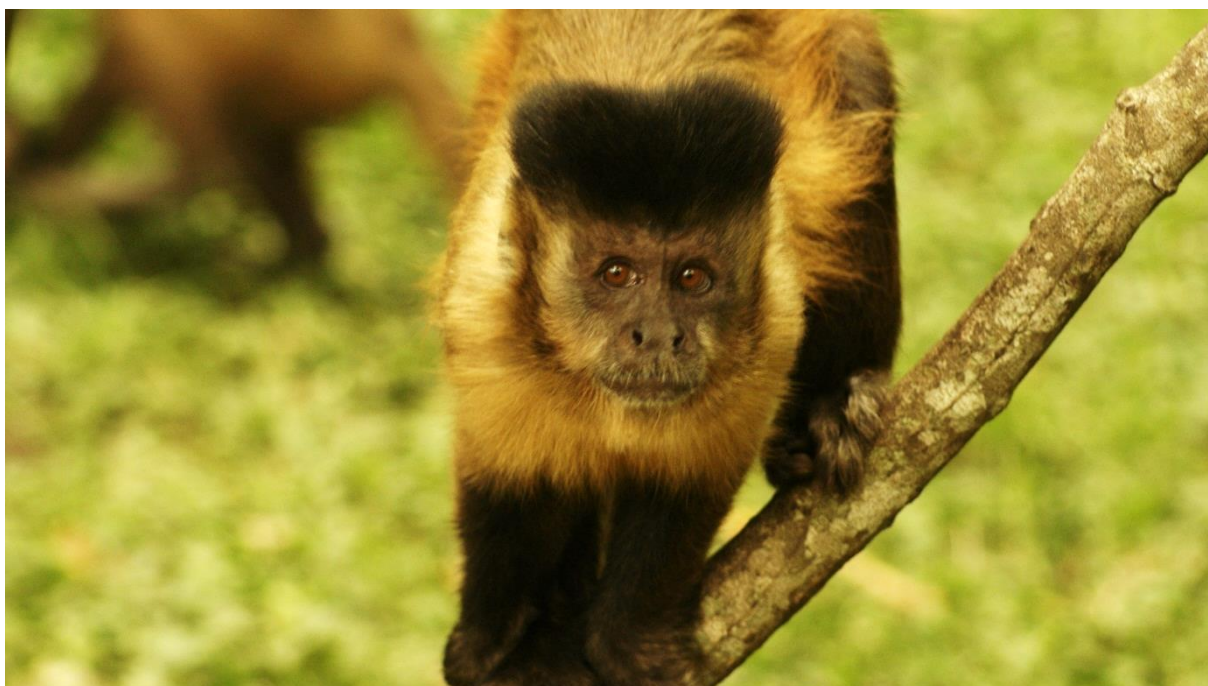


Imagem 15: Rihanna, a estrela. Foto: Mariana Machado.

Sobre Rambo, certa vez, Cecília me disse “ele é um macho muito carinhoso, que brinca com os filhotes, dá atenção”. E Celeste também comentou “ele sempre morde e assopra, briga e depois concilia, ne?” para tentar explicar o fato de quanto tem um conflito com outro indivíduo, logo depois ele faz catação³³ na tentativa de restabelecer a paz no grupo, reconciliar. Frans de Waal (2005) dedica várias páginas do livro “Eu, primata” para pensar a questão da reconciliação entre primatas:

Primatas fazem amizade, que se expressa quando eles fazem *grooming* uns nos outros, andam juntos e se defendem mutuamente. Um indicador inesperado mostra que brigas criam ansiedade quanto ao estado da relação: exatamente como um estudante coça a cabeça durante um exame difícil, quando um primata se coça, é

³³ Catação (*grooming*, em inglês) ato de “catar” parasitas nos pêlos de outros indivíduos. Esse hábito é muito comum entre membros do mesmo grupo que fortalecem os laços sociais catam uns aos outros.

sinal de que está inquieto. Se, como fizeram alguns pesquisadores, anotarmos quando os primatas coçam a si mesmos, contataremos que os dois lados envolvidos em uma luta se coçam muito, mas param depois que o oponente lhes faz *grooming*.

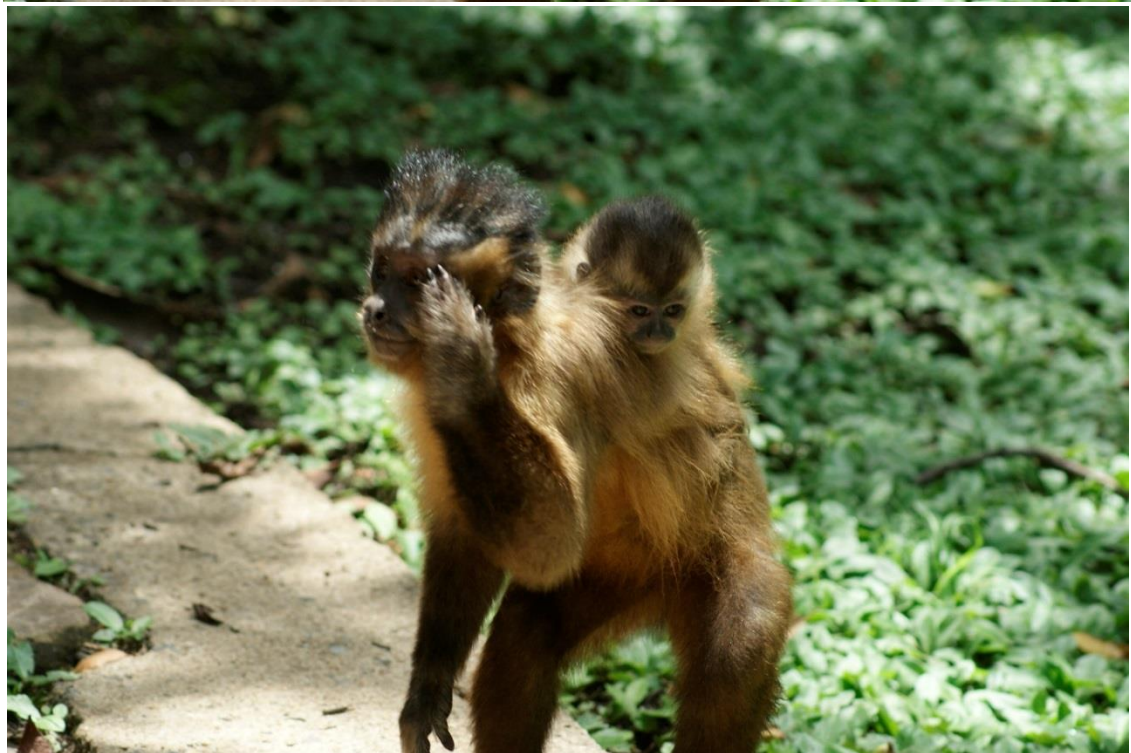
Certa vez, Cecília falou que iríamos encontrar Teresa para conversarmos sobre as estratégias de habituação que ela utilizou quando realizou pesquisa com o grupo de macacos que Cecília atualmente estuda. Falando sobre as técnicas de habituação, Teresa comentou “fiquem tranquilas que geralmente com mulheres é mais fácil a habituação, macacos-prego gostam mais de mulheres que de homens”. Ela não sabia explicar exatamente o motivo, mas para ela, era clara a diferença de tratamento. Ela disse: “Quando trabalhei com macacos-prego em cativeiro, eles não iam com a cara de homem de jeito nenhum, levavam muito mais tempo para se acostumar, com mulher era bem mais tranquilo”. Depois de ter comentado isso, Cecília parece ter lembrando do episódio em que eu, ela e Frederico entramos na mata e encontramos os macacos, ela lembrou que Rambo e Amarelo foram direto “ameaçar” Frederico, não se importando muito comigo nem com Cecília. Teresa terminou a conversa falando que devia ser por isso que tinha mais mulheres primatólogas do que homens e terminou dizendo “é por isso que eu falo: Primatologia é a ciência do futuro!”.

Para concluir o capítulo, é importante dizer que esse momento de conversa entre as duas primatólogas suscitou ideias interessantes que certamente influenciaram diretamente nas reflexões que venho fazendo até aqui. Os debates em torno da Primatologia ser uma ciência feminista, é sempre oportuno visto que ela é um claro exemplo de ciência que foi e é constantemente transformada por mulheres, principalmente, no que diz respeito as quebras e desconstruções de pressupostos catedráticos elaborados a partir de uma visão masculinista, heteronormativa e branca da Ciência. Além do mais, devido ao seu histórico, a Primatologia, parece ser uma ótima porta de entrada para mulheres pesquisadoras:

Muitos cientistas atuantes assumem (erroneamente) que o feminismo é algo imposto, de fora, à ciência; Strum e Fedigan mostram que primatólogas atuantes não apenas estudaram como o feminismo transformou a primatologia, mas também que muitas delas são feministas que ajudaram a criar essa transformação. Parte do argumento de Strum e Fedigan é que o feminismo tem sido central para o desenvolvimento da primatologia e que as contribuições feministas deveriam ser estudadas como parte da história da disciplina. (Londa, 2001:257)

No capítulo seguinte, procurarei abordar aspectos que tratam sobre a ecologia de macacos-prego e os entendimentos que são construídos destes primatas no Parque Nacional de

Brasília influenciados por um imaginário social acerca do que são os primatas no Brasil para depois apresentar o conceito de *bioensinamentos* ou ensinamentos de vida, importante para pensar as possíveis alianças e trocas entre a Biologia e a Antropologia.



Imagens 16 e 17: Cotoca e seu filhote Caju buscando por comida. Autoria: Mariana Machado

Capítulo 3 – Aprendendo a coabitar: vidas em coligação

A (des)Ordem Primata

Com 116 espécies e ocorrência em praticamente todo o território, o Brasil é o país que possui a maior diversidade de espécies de primatas do mundo (Reis et al, 2015). Devido a destruição e a fragmentação dos *habitats* de primatas não humanos e a expansão da ocupação humana, encontros entre humanos e primatas não-humanos são cada dia mais recorrentes. Visto que o Brasil é o país que mais abriga macacos do Novo Mundo, é sempre oportuno estudos que visam pensar as relações entre primatas e humanos nos variados contextos que elas se dão.

Os macacos do Novo Mundo podem ser caracterizados como tendo “focinho curto, nariz achatado e narinas voltadas para os lados” (Reis et al, 2015), além de viverem em grupos e serem sociais, possuem os cinco sentidos mais apurados que todos os outros mamíferos (Reis et al, 2015). A presença de polegar opositor (Imagem 18) – exatamente como nós, humanos – os permite movimentos complexos e uso de ferramentas (Reis et al, 2015). Sendo próximos do ser humano na escala evolutiva, primatas são comumente usados como cobaias em experimentos médicos e científicos, são também grandes dispersores de sementes, sendo conhecidos por muitos como verdadeiros “jardineiros das florestas”, o que torna sua vida mais do que fundamental para aqueles que defendem a conservação das espécies e florestas.

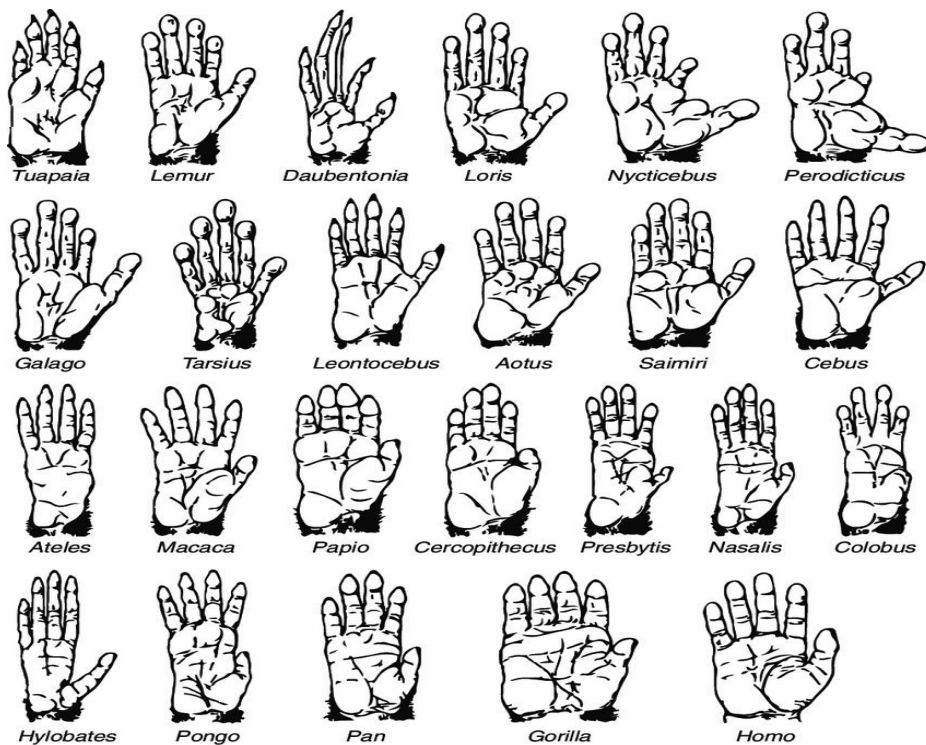


Imagem 18: The hands of primates. Fonte: Google.

Os entendimentos acerca dos primatas do Novo Mundo no Brasil são múltiplos e bem variados. Enquanto uns os caracterizam como “jardineiros das florestas” e defendem com afinco a conservação de seus *habitats* e a vida livre longe de cativeiros, outros os veem como “pragas”, “pets”³⁴, “ladrões”, “cobaias de laboratório” etc. Buscarei, a seguir, apresentar aspectos ecológicos da espécie de primatas conhecida como “macaco-prego” e depois discutirei acerca da construção da imagem desses primatas.

Os “macacos-prego”, como são popularmente chamados por terem o órgão genital dos machos em formato de prego, são endêmicos da América do Sul (imagem 19) e fazem parte da Família *Cebidae*, subfamília *Cebinae* e se classificam em dois gêneros diferentes: os *Cebus* e os *Sapajus*. Possuem um tamanho que varia entre 60 a 110 cm e cabeça arredondada, orelhas grandes, cauda longa e semipreênsil e vivem principalmente em regiões tropicais e subtropicais em grupos com dezenas de indivíduos. As principais ameaças para ambos os gêneros de primatas é a destruição do *habitat*, o tráfico e a caça.

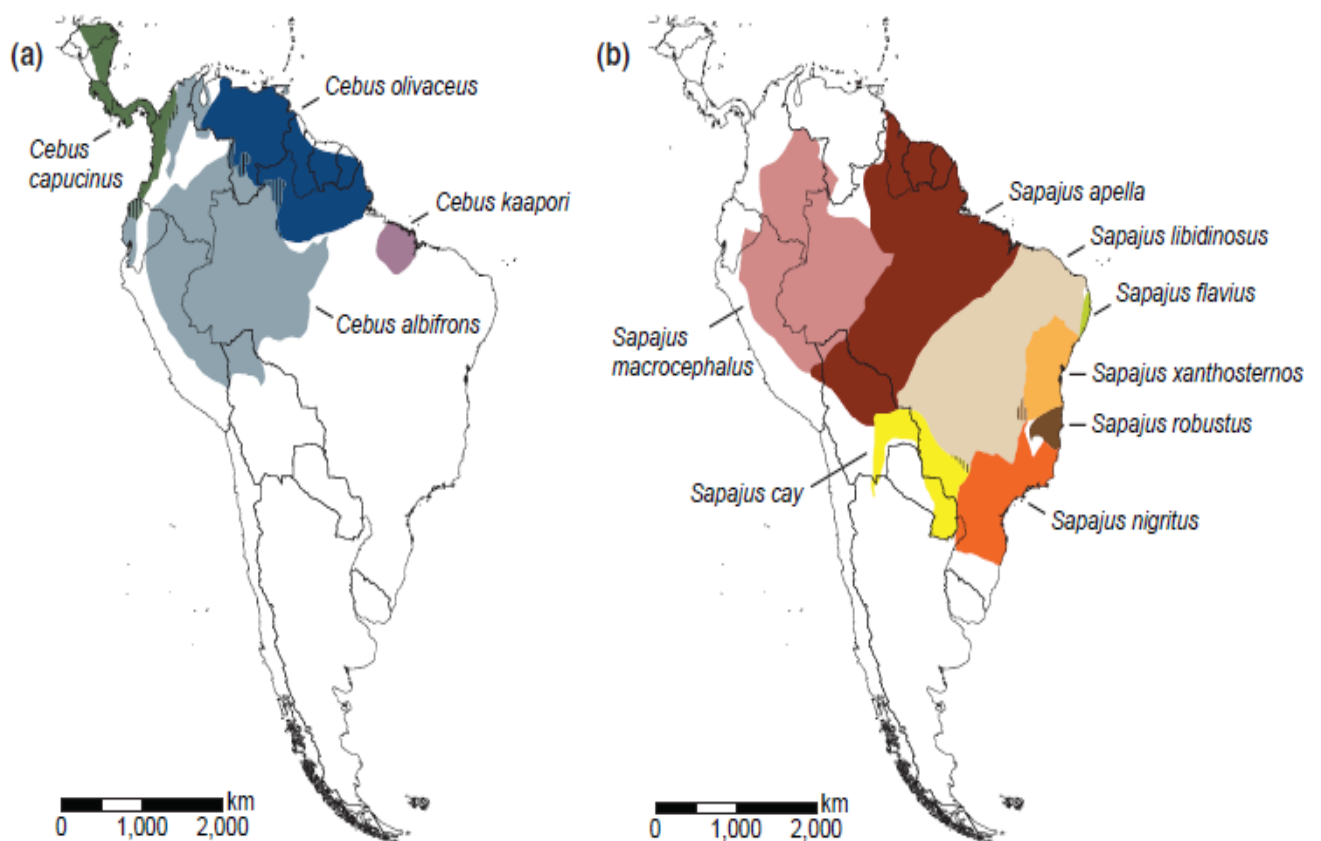


Imagem 19: Distribuição dos macacos-prego dos gêneros *Cebus* e *Sapajus*. Fonte: Afaro et al, 2012a.

³⁴Para uma discussão sobre tráfico de animais e animais selvagens como pets domésticos, ver a história do macaco Chico narrada e discutida por Vander Velden (2018) e Fuentes (2007).

O gênero *Sapajus* se distingue do gênero *Cebus* devido, principalmente, a duas características: apresentam topetes e tem uma anatomia mais “robusta” em relação aos *Cebus* que são mais “gráceis” e não possuem topete (imagem 20) além de terem origem e distribuição em regiões diferentes (LYNCH ALFARO *et al.*, 2012). Com ocorrência apenas no Brasil, aqui tratarei apenas de uma da espécie de macacos prego, os *Sapajus libidinosus* (Spix, 1823).



Fig. 4. Adult male facial variation across different capuchin monkey species. Top row, left to right: *C. albifrons*, *C. olivaceus*, *C. kaapori*, *C. capucinus*; bottom row, left to right: *Sapajus nigritus*, *S. xanthosternus*, *S. flavius*, *S. apella*. Drawings by Amisha Gadani.

Imagem 20: Variações faciais de adultos machos do gênero *Cebus* (em cima) e do gênero *Sapajus* (em baixo).
Fonte: ALFARO; SILVA; RYLANDS (2012)

A espécie possui dimorfismo sexual pouco aparente, sendo os machos mais robustos que as fêmeas. Ambos, fêmeas e machos adultos, possuem topete, porém os machos apresentam um topete bipartido, em formato de montanha. Possuem corpo com coloração amarelada com membros de cor mais escura (imagem 21).

Os grupos podem ter de 10 até 50 indivíduos. Apresentam hábito arborícola, mas também podem utilizar o solo. A dieta é onívora e bem diversa, podem se alimentar de frutos, flores, ovos de pássaros, insetos, sementes, entre outros. Sua ocorrência é típica no Cerrado e na Caatinga (Blanc et al, 2015). Com grande flexibilidade comportamental e ecológica, os *Sapajus libidinosus* possuem uma capacidade especial dentre os primatas neotropicais de manusear ferramentas para obtenção de alimento e para solucionar problemas.³⁵

³⁵ Informações retiradas do site: <http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/estado-de-conservacao/7274-mamiferos-sapajus-libidinosus-macaco-prego> Acessado em 01/07/201



Imagem 21: Mini (macho adulto) a esquerda e Richar (macho juvenil) a direita. Apresentam cor amarelada com membros de cor mais escura. Mini já com o topete bem aparente e bipartido.

Tendo trazido questões referentes a ecologia dos macacos prego, em especial daqueles que pertencem a espécie *Sapajus libidinosus*, quero me ater agora aos entendimentos construídos acerca destes primatas. Tanto em meus dias em campo, quanto através de reportagens e leituras, percebi que esses primatas dão muito o que falar e pensar.

O grupo de macacos do PNB contava com 11 indivíduos de vida livre sendo 5 indivíduos adultos (três machos e duas fêmeas), 3 jovens (um macho e duas fêmeas) e 3 infantes (três machos), cada um deles com sua individualidade. Tendo acompanhado mais de perto, junto com os primatólogos, a rotina deste grupo específico, era interessante reparar no que as pessoas, sejam elas visitantes, cientistas e/ou servidores diziam sobre o grupo e analisar à luz das leituras que eu fazia, as diversas concepções que os humanos tinham sobre os macacos-prego. Ou seja, pretendo pensar nas categorias que são mobilizadas nas relações entre macacos-humanos na construção do imaginário social das pessoas sobre o grupo de macacos.

A “inteligência”, por exemplo, era uma categoria muito recorrente entre as pessoas para classificar os macacos do PNB. Não era raro escutar, dos visitantes, sobre a inteligência e esperteza dos macacos, depois de ficarem admirados ao verem vários macacos se articulando para roubar alimentos, abrir mochilas, levantar tampas de lixo, realizando vários movimentos complexos e fugindo ilesos. Certa vez, ouvi de um visitante: “a gente acha que só humano é

capaz de fazer isso, até que vê um macaco abrindo mochila, mexendo em telefone, eles vão dominar o mundo”. Os cientistas também sempre me lembravam desta categoria, principalmente, quando víamos os macacos usando ferramentas. Richar, macaco neófito e bastante curioso do grupo, nos proporcionou bons momentos para observar o uso de ferramentas em primatas (imagem 22). Conversando um dia com um visitante que também era biólogo, refletimos sobre o tempo em que o diferencial do Homem em relação a outras espécies era o fato de que o ser humano era o único que conseguia fabricar e utilizar ferramentas, pensamento fruto de uma visão antropocêntrica acerca das demais espécies. Ele comentou comigo que deveria ser por isso que macacos-prego eram vistos como inteligentes e espertos pelos humanos, “talvez pela semelhança (comportamental), nos vemos neles o tempo todo”, ele me lembrou atentamente.³⁶

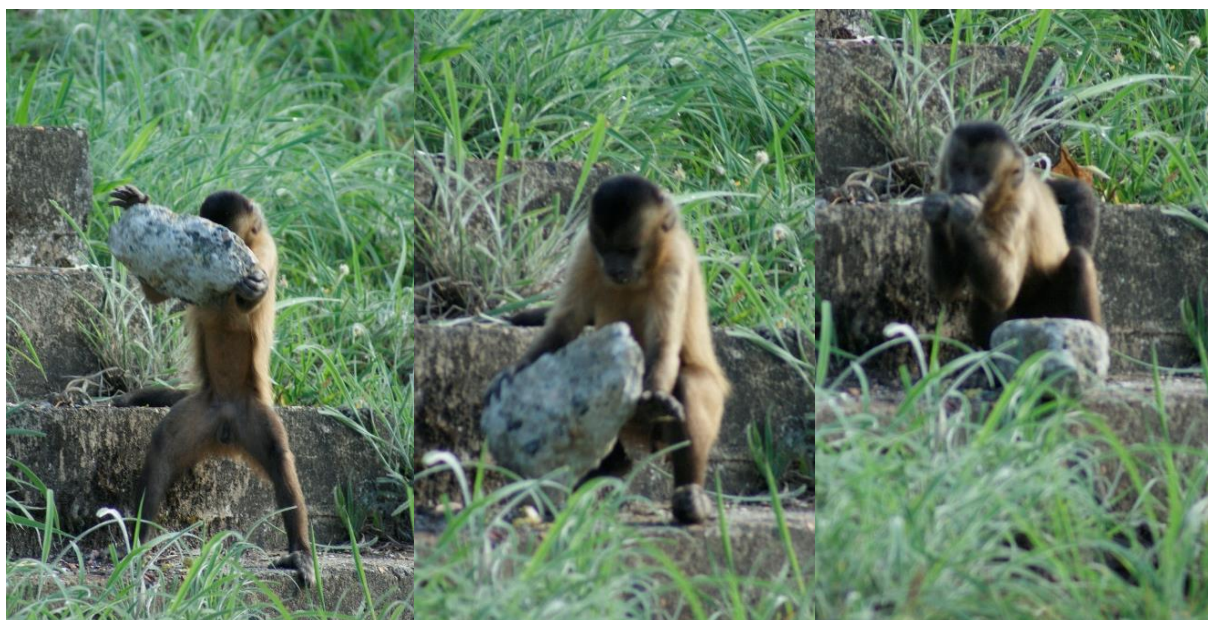


Imagem 22: Richar usando uma pedra para abrir um fruto. Foto: Mariana Machado

Diversos artigos científicos (Aguiar et al., 2014; Frigaszy et al., 2004) tratam da questão do uso de ferramentas em macacos. O caso de macacos-prego do Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, usando ferramentas ficou famoso por despertar imensa curiosidade em todos aqueles que tomam conhecimento desse comportamento. O interesse específico desse comportamento deixa claro que esse tipo de enunciado científico é caro à divulgação científica e não necessariamente a Ciência. A manipulação de ferramentas por macacos-prego chama atenção pela quantidade de divulgação que teve nos mais variados meios de comunicação extra

³⁶ Para um debate sobre o uso de ferramentas e a noção de inteligência e cultura em primatas ver Joulain (1994, 1996) e De Waal (1982, 2005).

científicos e as relações que faziam com, por exemplo, o fato de macacos, terem uma relação com uma linhagem da Evolução Humana e por isso estariam na Idade da Pedra no Brasil³⁷:

Nossos ancestrais começaram a desenvolver ferramentas de pedra há 2,5 milhões de anos, pelo menos, e foram refinando esses utensílios ao longo de centenas de milhares de anos até os substituírem por peças de metal – feitas primeiro de cobre, depois de bronze e, por último, ferro. Essas variações permitem que os pesquisadores tracem saltos na evolução humana, e agora o mesmo raciocínio pôde ser aplicado a um grupo de macaquinhos aqui no Brasil, cujos comportamentos revelaram que eles se encontram inseridos em plena Idade da Pedra.

Os humanos, impressionados com a capacidade de realizar movimentos complexos e criar estratégias de furto dos macacos, mobilizam, a categoria “inteligência” para se referirem aos macacos. No final de um dia de trabalho de campo, quando estávamos indo embora, Armando comentou comigo que tinha escutado uma fala de uma visitante que eu iria achar interessante: Disse que ouviu uma visitante comentando algo do tipo “esses macacos são muito inteligentes! Olha lá, eles estão fazendo os biólogos de “trouxas”. A visitante comentou isso depois de perceber uma estratégia dos macacos de se dispersarem em dois grupos diferentes e irem para lados opostos, segundo ela, eles faziam isso para “enganar a gente, fazer a gente de trouxa”.

Os macacos do PNB também são conhecidos como “ladrões da mata” por sempre estarem tentando furtar comidas de visitantes. Algumas pessoas acham esse fato engraçado, enquanto outras, acabando ficando irritadas e chegam até a xingar os primatas, como descrevo em meu diário de campo: “Durante os focais, reparei que os visitantes estavam bastante agressivos com os macacos. Ouvi xingamentos se dirigindo ao Mini e ao Rambo do tipo “ladrão de merda”, “macaco retardado” ou “esses estressados transmitem raiva” “Sai daqui, Praga!”. Logo, além de serem entendidos como “inteligentes”, outra categoria que identifiquei como importante, pois era bastante recorrente nos comentários que escutava, principalmente dos visitantes, era a visão dos macacos como “pragas”.

A presença dos macacos na área da piscina acaba por ser, muitas vezes, indesejável. Certo dia, ouvi um visitante chamando os macacos de “os pombos da Água Mineral”. A analogia feita pelo visitante me fez pensar em dois possíveis motivos para os macacos serem associados com pombos (outra espécie *non grata* nos espaços urbanos), são elas: o fato de

³⁷TAMANINI, Maria. Macacos-prego já estão na Idade da Pedra aqui no Brasil. **Tecmundo**, 2019. <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/143024-macacos-prego-idade-pedra-brasil.htm>. Acessado em: 25/07/2019.

estarem sempre roubando comida dos visitantes e a ideia de que os macacos podem transmitir doenças (zoonoses). Aqui, cabe um rápido comentário: os biólogos sempre me atentavam para o fato de que, se pombos e macacos roubam comidas ou frequentam espaços que são esperados que sejam ocupados por humanos, é porque em algum momento humanos deram comida a estes animais que se acomodaram ficando naquele espaço.

Com o surto da febre amarela, reportagens³⁸ começaram a nos alertar sobre casos de matança de macacos como uma tentativa de combater a doença por parte de moradores locais em diversas cidades pelo país. Não há dúvidas que, devido a esse entendimento, criou-se um imaginário social em que os macacos eram pragas, pois eram entendidos como vetores da doença, o que contribuiu com uma visão negativa dos primatas em espaços ocupados por humanos.

Os pesquisadores e conservacionistas, principalmente aqueles que se dedicam ao estudo de primatas não humanos, logo reagiram aos ataques criando campanhas nas redes sociais como “#Aculpanãoedomacaco” (imagem 23) na busca de tentar esclarecer que o macaco não transmite a doença, e sim (apenas) o mosquito. Os macacos, na verdade, atuam como verdadeiros sentinelas ao alertarem, quando doentes, a presença da febre amarela aos humanos:

“Eles servem como anjos da guarda, como sentinelas da ocorrência da febre amarela”, [...] Esse é um alerta para que a população não mate os macacos, principalmente em regiões onde há incidência da febre amarela em humanos. Os macacos não são responsáveis pela transmissão, muito pelo contrário: esses animais servem como guias para a elaboração de ações de prevenção. A doença é transmitida por mosquito” [...] A febre amarela é uma doença que se mantém no ambiente, em um ciclo silvestre, e é transmitida por mosquitos. O macaco é importante, pois serve como indicador da presença do vírus em determinada região [...] “Esses animais estão sendo mortos por conta de medo da população humana em relação à transmissão do vírus, e isso não ocorre. Se você mata os animais, vai haver um prejuízo, pois a vigilância não vai ser feita por conta do óbito daquele animal por uma pessoa”.³⁹

³⁸ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/25/politica/1516892592_161900.html e <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/01/macacos-sao-vitimas-da-falta-de-informacao-sobre-febre-amarela.html>. Consultado em: 13/07/2019.

³⁹ NÃO matem os macacos! Eles são aliados da saúde no combate à febre amarela. BioFioCruz. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/nao-matem-os-macacos-eles-sao-aliados-da-saude-no-combate-a-febre-amarela>. Consultado em: 15/07/2019



Imagem 23: Campanha #Aculpanãoédomacaco. Fonte: Site ICMBio

A matança de macacos e a visão negativa associada a eles, infelizmente, é algo recorrente e acontece devido a vários motivos, entre eles, o tráfico, o entendimento de que eles transmitem doenças, a caça etc. Para completar essa discussão, trago mais um dado que me permitiu refletir sobre a importância de saber como a imagem de uma determinada espécie é construída, para que assim possamos entender melhor como vão se dar os diversos tipos de interações entre humanos e animais.

Entrei na portaria dos servidores e como o servidor que ali estava era “novo”, expliquei que trabalhava com os macacos na área da Piscina Velha, dei meu número do SISBIO e ele me autorizou entrar. Tinha uma servidora esperando alguém passar para pegar uma carona e eu falei que podia dar, quando ela entrou no carro me falou da inteligência dos macacos e que ficava admirada com a beleza e semelhanças que eles tinham com a gente. Me contou de uma história que havia ocorrido há anos de um senhor que gostava de observar as aves do Parque e vinha todos os dias as observar até que percebeu que um dos alimentos dos macacos eram os ovos de passarinhos. A partir daí e sem nenhuma explicação aparente, vários macacos começaram a morrer. Para descobrir o motivo, instalaram câmeras e pelas imagens conseguiram ver aquele mesmo senhor colocando pão no telhado da lanchonete com veneno para os macacos.

Ela contou que a amiga dela, uma senhora que trabalhava na limpeza na área da piscina, viu a cena de um filhote morto e a mãe sacudindo ele, colocando ele nas costas e chorando muito “foi a coisa mais triste que já vimos, talvez por que lembrou muito como reagimos, ela não aceitou a morte do filhote e ficou lá chorando”. O senhor não foi preso porque já estava muito velho, mas foi proibido de entrar no parque, segundo a servidora. Depois de narrar esta história ela falou “Dizem que tem um grandão(se referindo ao Rambo) lá né, o maiorzão? Eu se fosse ele já tinha feito uma rebelião dos macacos e botado todo mundo da piscina pra correr já, ali é a casa deles e o pessoal fica alimentando depois reclama que eles atacam.”

Este caso se relaciona diretamente com o que tenho tentado trazer até agora na medida em que faz refletir sobre como os vários entendimentos possíveis de uma determinada espécie estão diretamente relacionados com as várias formas de interação entre humanos e animais. Uma vez que os macacos são entendidos como “jardineiros das florestas” pela dispersão sementes, “sentinelas” quando alertam sobre determinada doença e “inteligentes” quando usam ferramentas, as relações e interações com os humanos vão ser mobilizadas de uma forma bem diferente daquelas que os associam a “pragas” que transmitem doenças, a pets, a “predadores de passarinhos”, a cobaia para pesquisa etc. Ou seja, a construção dos vários entendimentos/conceituações sobre os macacos-prego – e são muitos! – acabam por moldar as relações humano-macaco:

Therefore, understanding the cultural context, or roles, for nonhuman primates helps us understand their inclusion in the human place and their potential participation in a human initiated domesticatory practice. Here we need to go beyond asking if the primates are impacted in morphological, behavioral, or physiological ways by human practice and ask how humans conceptualize nonhuman primates. There conceptualizations might affect the way humans incorporate the other primates into our active engagement with the environment and how humans might use primate as symbols within our own, or other's cultural milieus. (FUENTES, 2007, p.134)

Aqui, não pretendo esgotar as várias imagens possíveis que podem ser associadas aos macacos, nem contrapor o que seria uma visão científica versus o que seria do senso comum, muito menos dizer qual é a mais acertada, apenas achei oportuno trazer alguns dados que podem acrescentar ao debate quando nos propormos a pensar sobre os vários e possíveis tipos de existência e interação humano-animal. SÁ (2013, p.117) explica:

Se admitimos serem os muriquis o somatório de suas imagens potenciais – diversas – na medida em que expressam suas formas de se relacionar com

diferentes agentes, e da mesma forma tratar o outro termo [...] conseguiremos, como resultante, permutações infinitas de visões, ideias, discursos e representações que talvez nos levem a enunciados mais abrangentes sobre o que pode ser um muriqui.

O mesmo pode ser entendido com os macacos-prego que ora são associados como seres inteligentes e importantes dispersores de sementes, ora são comparados a “pombos” e visto como pragas que transmitem doenças. Os entendimentos que levantei aqui não devem ser reducionistas e nem “anular a multiplicidade de imagens potencialmente viáveis mediante o contato contextual” (SÁ, 2013, p.118) de cada relação possível entre humanos, macacos e outras espécies.

Tendo comentado sobre os macacos-prego e sua ecologia e refletido sobre a construção da imagem dos macacos, me atenho agora a discutir o que denominei como *bioensinamentos*. O que apresentei até agora acerca dos macacos e seus entendimentos, se relacionam diretamente com o próximo tópico que desejo, abordar pois aprender sobre a vida e rotina dos macacos foi o primeiro (de muitos outros) *bioensinamento* que os primatólogos me apresentaram.

Ensinamentos sobre/de vida ou Bioensinamentos

A divergência entre as disciplinas Biologia e Antropologia é produto da dualidade ocidental entre natureza e cultura sob a alegação de que ambas teriam “filosofias” distantes: uma é biológica, a outra social, por isso, também seriam opostas, como aponta Sussekind (2018, p.170):

No mesmo sentido em que o humano se opôs conceitualmente ao animal, a antropologia se opôs à biologia, no sentido de que projetou em sua trajetória histórica um “outro”, uma alteridade a ser negada. Ou seja, as ciências sociais se constituíram historicamente como ciências que lidam com sistemas complexos, abertos e criativos, projetando em contraste um mundo biológico concebido como um universo estável, de essências fixas, comportamentos mecânicos e leis rígidas.

Atenta e inspirada em autores como Philippe Descola, Donna Haraway e Anna Tsing que se propõem a questionar os grandes divisores da modernidade (natureza e cultura, humano e animal, antropologia e biologia) e entendendo que sempre estivemos ligados e conectados com outros seres e por isso “o que está em jogo nesse caso é um modo de conceber as relações em que a ideia do social ou do biológico, como domínios ontológicos separados, simplesmente não faz sentido” (SÜSSEKIND, 2018, p. 173) era de se esperar que trocas sobre, por exemplo,

a vida multiespecífica na Terra entre eu e meus interlocutores pesquisadores de outras áreas iriam me “saltar aos olhos” quando e se acontecessem.

Logo nas primeiras aproximações com os pesquisadores em campo, percebi que eles eram tão curiosos e interessados nas relações de vida interespecífica quanto eu e que mesmo se não mobilizasse essas conversas, elas iriam acontecer. Dito e feito: durante meus dias em campo, comecei a perceber que diálogos interessantes surgiam nas conversas que tinha com meus interlocutores dentro da mata ou fora, na área da piscina, enquanto esperávamos os macacos chegarem. Essas trocas interdisciplinares, nas quais, eu aprendia sobre biologia e ecologia e falava sobre antropologia, foram fundamentais para meu aprendizado e performance em campo.

Pouco a pouco fui entendendo a necessidade de encarar essas conversas como um dado importante para refletir, pois essas trocas estavam, em minha análise, renovando a interlocução entre as ciências naturais e a antropologia, que por muito tempo era de distanciamento e oposição. Antropologia e Biologia não precisam ter ideias consensuais sobre aquilo que observam, mas podem ser colocadas em diálogo. Ou seja, a partir da minha experiência de trabalho junto a biólogos, trago a ideia de que é possível colocar ciências que um dia foram colocadas como opostas, em discussão. E é importante que comecemos a praticar isso se queremos buscar observadores que nos ajudem a refletir sobre os problemas que também nos preocupamos. Não estou querendo defender aqui que não podemos mais criticar as ciências “(ditas)duras” apenas não mais esquecer de procurar simetrias e aliados e uma possível colaboração entre pesquisadores que se comprometem a observar um mesmo problema. Anna Tsing (2019, p.93) comenta:

“Em meu projeto de reunir antropólogos e biólogos, não comecei como regras e planos, mas sim com o “algo extra” que emerge – esporadicamente e em seu próprio ritmo – de compromissos comuns e leituras comuns. Tanto biólogos quanto os antropólogos do grupo se preocupam com observações empíricas e trabalhos de campo, e isso faz diferença. Por meio dessas técnicas, cada um de nós vai observando as coisas acontecendo e, nessas observações, quando temos sorte, surgem preocupações mútuas. O projeto surge da observação, não dos requisitos de uma filosofia unificada”

É nesse sentido que acredito que a Antropologia e suas diversas trocas devem caminhar: devemos aprender com outras ciências e quando tivermos a sorte de encontrarmos preocupações

mútuas sobre o mundo, nos aliarmos àqueles que estão, de certa forma, nos ajudando a observar o problema.

Quando digo “aliados” não estou pensando apenas em termos acadêmicos e científicos, mas políticos também. Alguns meses de pesquisa de campo, calharam de cair nos mesmos meses que ocorreram as eleições de 2018. Devido a este fato, conversas especulativas sobre as consequências de um próximo governo que viria, aconteciam recorrentemente. Certo dia, estava com Cecília e Frederico que me trouxeram à tona a angústia que tinham de um candidato a presidência que não demonstrava nenhum tipo de preocupação com a conservação da natureza brasileira e me diziam: “Sabe, não adianta só estudar primatas, tem que defender a vida deles também! Se quer pesquisar, tem que preservar”. Depois que esse mesmo candidato ganhou as eleições, ficou mais claro, durante as conversas com meus interlocutores, que agora não apenas vidas humanas estavam sendo postas em risco, mas as não humanas também. Neste dia, identifiquei uma importante preocupação mútua e uma oportuna chance de colaboração entre aliados (imagem 24).

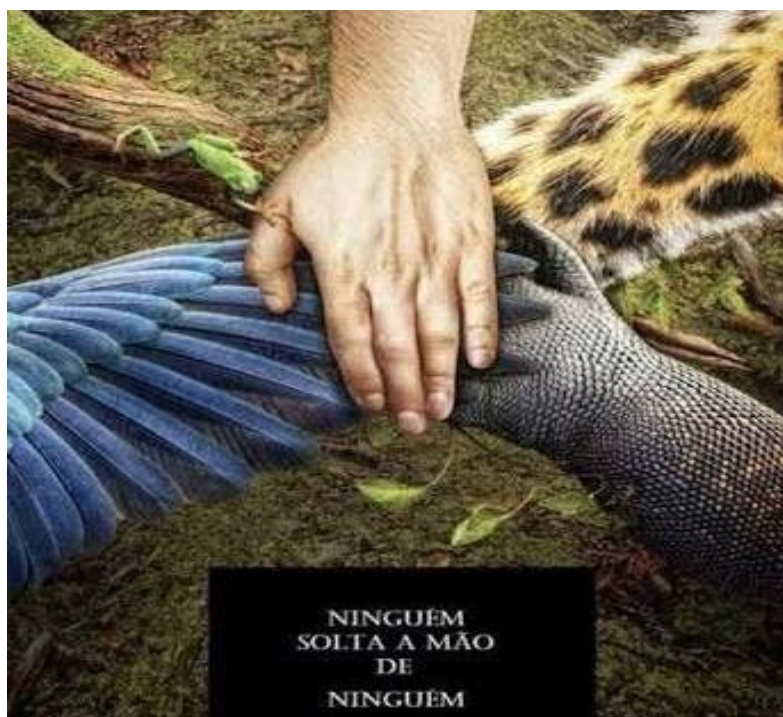


Imagem 24: “Ninguém solta a mão de ninguém”. Fonte: Google.

Dito isso, pensar em correlações e não mais oposições, estava gerando bons frutos. Ora, se coadunamos com a ideia de que sempre estivemos integrados em espaços multiespecíficos e que já estamos sendo e fazendo parte do Antropoceno⁴⁰ e por consequência “vivendo nas

⁴⁰ Antropoceno se refere, em seu conceito mais primordial a “Época dos Homens”. Para um debate mais específico sobre o conceito na Antropologia ver Tsing (2019) e Haraway (2017).

ruínas” – nos termos de Tsing – ainda faz sentindo opor, no plano mais geral, natureza e cultura, e no mais específico, conhecimentos biológicos e antropológicos? Se concordamos que na extinção de uma espécie sofreremos um impacto e/ou somos parte desse impacto, então deveríamos buscar aliados e soluções compartilhadas.

Não podemos mais ignorar que a vida é multiespecífica e é constituída por paisagens complexas lotadas de seres não humanos coabitando e influenciando a nossa existência no mundo, e talvez seja por isso, que trocas e ensinamentos sobre/de vida ou o que denominei de *bioensinamentos*, são tão importantes. *Bioensinamentos* são diálogos, trocas, conversas, aprendizados que tive durante meus dias em campo junto a meus interlocutores em que aprendi, sobretudo, a entender as paisagens como complexas e a perceber espaços, como eles realmente são, co-existenciais e simbióticos. Tsing (2019, p.93) coloca:

“Somos todos “algo a mais” de bactérias, que brincam com diversas formas de sobrevivência e se saíram bem como extensões simbióticas multicelulares. É igualmente fundamental nas simbioses metáforas que mencionei – colaborações entre tradições do conhecimento, por um lado, e paisagens multiespécies habitáveis, por outro”

Certo dia, enquanto caminhávamos dentro da mata na procura dos macacos, Cecília parou e me fez prestar a atenção em um canto de pássaro. Foi aí que eu percebi que vários sons, cheiros, estímulos visuais nos rodeavam enquanto andávamos na mata. Cecília olhou para mim e falou: “Esse que está cantando é o soldadinho (*Antilophia galeata*), você já viu um?” Eu respondi que não. Então, ela pegou o celular e com um aplicativo começou a reproduzir o mesmo som que o soldadinho emitia⁴¹ e falou “Olha, fica olhando, ele vai aparecer bem pertinho da gente!” depois de alguns segundos, avistei bem na minha frente, um pássaro com penas pretas e um topete vermelho. Cecília falou que era o macho da espécie e ele vinha para perto de onde vinha o som na intenção de conferir se outro macho invadira seu território. Neste momento, percebi que Cecilia, ao comentar sobre o canto do soldadinho, me fez um convite a prestar atenção nas outras espécies que dividiam o espaço com a gente ali na mata. *Bioensinamento* são ensinamentos que nos fazem aprender sobre o compartilhar vida com outras espécies, pois elas estão a todo momento influenciando toda a nossa percepção do ambiente.

⁴¹ Essa técnica de emitir vocalizações de determinada espécie por meio de gravações, esperando que ela responda aos chamados vindo mais para perto, é chamada de playback pelos biólogos.

Certa vez, Cecília comentou comigo que tinha visto uma perereca no banheiro perto da piscina e falou que iria tirar ela de lá antes que os visitantes e servidores se assustassem e acabassem matando-a. Acompanhei a bióloga na “missão” de salvar o anfíbio mesmo com muito receio. Chegando lá, Cecília pegou o bicho e antes de colocá-lo na mata, perguntou se eu também queria pegar e assim o fiz. Depois desta experiência percebi que *bioensinamento* também é ser curioso, e estar disposto a superar lógicas preestabelecidas de mundo em prol de uma experiência.

O mesmo aconteceu quando Cecília quis me apresentar os frutos do cerrado. Certo dia, depois de realizar vários scans e focais com os macacos, fomos procurar fora da mata de galeria em que estavam os macacos, os cajuzinhos do cerrado (imagem 25). Andando no meio do Cerrado em um campo de cor “seca”, procurávamos por pontinhos vermelhos na esperança de encontrar os cajuzinhos. Era setembro e por isso era uma época favorável de encontrá-los no cerrado. Depois de algumas horas, achamos. Foi a primeira vez que comi um fruto natural do cerrado *in loco*. O local deixava rastros da presença de outros animais que haviam passado por ali para também se alimentarem do fruto. Em uma outra vez, experimentamos o araticum-do-cerrado (*Annona crassiflora*) depois de um longo dia de caminhada buscando encontrar os macacos dentro da mata.



Imagens 25 e 26: Cajuzinho do cerrado a esquerda e araticum do cerrado a direita. Foto: Mariana Machado.

Era nos momentos que se permitia “algo a mais” na relação com meus interlocutores que percebia a riqueza de fazer uma antropologia atenta à vida multiespécie e fiquei me

perguntando se ainda era possível fazer uma antropologia que ignorasse as outras formas de vida. Essas aproximações são urgentes se considerarmos que precisamos das interdisciplinaridades para resolver os problemas do mundo, até porque o mundo é biodiverso, ou seja, diverso de vida. Tsing (2019, p.94) complementa:

Permitir “algo extra” em nossas conversas sobre a vida na Terra é um passo fundamental. Para antropólogos, isso pode começar com o reconhecimento de que os seres humanos são incapazes de sobreviver sem outras espécies. Somos seres dentro de teias ecológicas e não fora delas. Paisagens multiespécies são necessárias para sermos humanos”

Partindo da ideia de que é impossível sobreviver sem as outras espécies, apresento um caso de coevolução importante para pensarmos as correlações entre as formas de vida na T/terra. Quando estávamos procurando os cajuzinhos, distante daquele que geralmente encontramos os macacos, Cecília avistou um arbusto de médio porte com uma flor roxa (imagem 27) e comentou comigo que era uma Lobeira (*Solanum lycocarpum*) Intrigada com o nome que parecia vir de “lobo” quis saber mais sobre aquela planta.



Imagem 27: Lobeira. Autoria: Mariana Machado

O nome Lobeira vem de uma relação de co-evolução entre o lobo-guará e a planta Lobeira, ambos dependem um do outro para sobreviverem. O lobo quando se alimenta do fruto da planta faz com que as sementes presentes dentro do fruto passem pelo trato digestório do lobo que ao defecar, dispersa essas sementes que já ficam “prontas” para germinar. Os lobos precisam do fruto para se alimentarem e a planta precisa que suas sementes passem pela digestão do lobo para que melhor germinem na terra. Essa relação de mútua sobrevivência, foi compartilhada por Cecília para mim e me permitiu uma série de entendimentos. Tsing (2019) coloca que:

Aprender algo sobre outras espécies, incluindo espécies selvagens, que realizam um imenso trabalho invisível para possibilitar a sobrevivência dos humanos. Humanos não podem viver sem outras espécies. Isso não é só porque nós os comemos. Paisagens multiespécies são cenários de habitabilidade. Precisamos dessas coordenações para nos mantermos vivos. Em todas as escalas, desde os nossos intestinos até o nosso planeta, precisamos de paisagens de habitabilidade comum, alcançadas por meio de simbiose e coordenação.

Vivendo, humanos e não humanos vão compartilhando paisagens complexas e por isso possibilitam a sobrevivência um do outro. Interações entre animais e plantas são responsáveis por grande parte da criação de florestas, como no caso da lobeira e do lobo, macacos, antas e cutias que dispersam sementes de Jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa* Mart) (imagem 28). Essas simbioses são fundamentais para humanos que de todas as maneiras também estão envolvidos nas teias ecológicas desses animais, por isso é tão importante pensar em “novas possibilidades de leitura e de escrita a partir de alianças não só com outros grupos humanos, mas com animais, plantas, fungos, microrganismos ou fenômenos climáticos, é o desafio que a experiência da vida multiespécie nos apresenta” (SÜSSEKIND, 2018, p. 170).

Para concluir, a ideia de apresentar um conceito como o de *bioensinamentos* foi fruto de um pensamento de mundo conectado com as mais diversas espécies e que o social não está separado do biológico, pois ciências como a Biologia e a Antropologia precisam estar em coligação. Trabalhar com biólogos me trouxe esses aprendizados que aqui chamo de ensinamentos de/sobre vida porém não excludo a possibilidade de antropólogos terem essa mesma experiência com outros além dos biólogos (mateiros, camponeses, geraizeiros, entre tantos outros que conhecem tão bem as outras formas de Vida). Bioensinamentos é antes de tudo estar disposto e levar a sério os aprendizados que o campo está trazendo e com isso perceber que as conexões e interações que são intrínsecas a vida na T/terra.

Se entendemos de uma vez por todas que coabitamos o mundo com outros seres e estes estão conectados através de relações de mutualismos, comensalismos e simbioses e várias outras possíveis, entenderemos que todos os encontros e interações se dão sempre de maneira relacional. Portanto, se queremos resolver problemas de encontros indesejáveis ou inoportunos entre humanos e animais, como por exemplo, toda destruição que humanos causaram e causam aos animais, ou as chamadas novas “pragas” do Antropoceno em espaços “urbanos”(que trazem doenças e morte aos humanos) é interessante que antropólogos também comecem a se preocupar com as formas de vida além de humanas.



Imagem 28: Richar com um jatobá-do-cerrado. Autoria: Mariana Machado



Imagem 29: Mini segurando um buruti, fruto típico do cerrado. Autoria: Mariana Machado

Conclusão

Esta monografia buscou se inserir e contribuir com o crescente debate que está sendo construído em torno da Antropologia da Ciência e das Relações entre humanos e animais. Aqui, busquei tratar, a partir do caso do Parque Nacional de Brasília, as diversas e possíveis interações entre primatas humanos e não-humanos em ambientes “urbanos”. Sejam elas entre o grupo de macacos e visitantes, cientistas e servidores, sejam desejáveis ou inesperados. O que podemos concluir disso é que macacos e humanos sempre interagiram e continuam se relacionando, independente de políticas que visem sua separação e a delimitação de espaços, humanos e macacos, em suas rotinas, rompem a lógica dicotômica entre selvagem e civilizado, homem e animal e natureza e cultura, todos os dias.

A partir da apresentação da pesquisa e dos métodos e técnicas de coletas de dados que primatólogos utilizam para realizar estudo com primatas não-humanos, este trabalho buscou acompanhar e refletir sobre o fazer primatológico mostrando como cada fase da relação macaco-cientista é fundamental para estabelecer negociações que permitam cientistas seguir macacos na mata. O reconhecimento, a nomeação e a habituação são etapas essenciais que moldam as relações, desde a ressignificação dos primatólogos para os primatas, que param de ameaçar ou correr dos primatólogos, até a percepção sobre o limite de proximidade permitida que cientistas têm que respeitar para conviverem em paz com os macacos. Essas formas de interação relacional, só nos apontam para uma conclusão: as relações entre macacos e primatólogos são de intersubjetividade, intimidade e afeto.

Esta etnografia também é um convite a pensar o mundo de forma conectada e multiespecífica. E entender que se estamos conectados com as outras formas de vida humana e outras além de humanas, é também nosso dever pensar sobre as formas de relações (mutualismo, comensalismo, simbiose e parasitismo) que temos e as que queremos cultivar com as outras espécies. Não estamos sozinhos e não somos autônomos, precisamos das outras espécies para sobreviver, pois estamos a todo momento fazendo parte de imensas teias ecológicas em conjunção com outras formas de vida. Por isso, no capítulo 3, introduzo o conceito de *bioensinamentos*, como um chamado para antropólogos que levem a sério o aprendizado sobre outras formas de vida que não só as humanas e que estão dispostos a procurar aliados em outras ciências que também estão observando preocupados os mesmos problemas que nós.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Lucas M. et al. Tool use in urban populations of capuchin monkeys *Sapajus* spp. (Primates: Cebidae). *Zoologia (Curitiba)*. Curitiba, v. 31, n. 5, 2014.
- ALFARO, Jessica W.Lynch; SILVA, José de Sousa E.; RYLANDS, Anthony B. How Different Are Robust and Gracile Capuchin Monkeys? An Argument for the Use of *Sapajus* and *Cebus*. *American Journal of Primatology*, 2012.
- ALTMANN, Jeanne. Observational Study of Behavior: Sampling Methods. *Behaviour*, 1974.
- ARAÚJO, Arrilton ; LOPES, Fívia de Araújo ; ARRUDA, Maria de Fátima ; VOLPATO, G. L. . Práticas para o Ensino do Comportamento Animal. In: Maria Emília Yamamoto; Gilson Luiz Volpato. (Org.). *Comportamento Animal* (2ª ed.). 2ed.Natal, RN: Editora da UFRN, 2011, v. , p. 319-334.
- DARWIN, Charles. *The Origin of Species*. New York: Signet Classics, 1959.
- DESCOLA, Phillipe. *Outras naturezas, outras culturas*. Tradução: Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FRAGASY, D.; IZAR, P.; VISALBERGHI, E.; OTTONI, E. B.; OLIVEIRA, M. G. Wild capuchin monkeys (*Cebus libidinosus*) use anvils and stone pounding tools. *American Journal of Primatology: Official Journal of the American Society of Primatologists*, 2004.
- Freitas, E. G., & Nishida, S. M. Métodos de estudos do comportamento animal. In M. E. Yamamoto & G. L. Volpato, *Comportamento animal: Vol. 1* (pp. 39-64). Natal, RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.
- FUENTES, Agustin. *Monkey and human interconnections: The Wild, the Captive, and the In-between*. In: *Where the wild wild things are now: Domestication Reconsidered*. Edited by Rebecca Cassidy and Molly Mullin. New York: Berg, 2007.

GEERTZ, Clifford. *Transição para a humanidade*. In: ENGELS, Friedrich; BAUMAN, Zygmunt; LEONTIEV, Aleixei; GEERTZ, Clifford; MACARIAM, Eduardo S. O Papel da Cultura nas Ciências Sociais. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

HARAWAY, Donna. *Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene: Making kin. Multitudes*. [S.l: s.n.], 2017

INGOLD, Tim. *Humanidade e Animalidade*. Tradução: Vera Pereira. Companion Encyclopedia of Anthropology, Londres, Routledge, 1994.

JOULIAN, Frédéric. *Culture and material culture in chimpanzees and early hominids*. In: Roeder, J.J., Thierry, B., Anderson, J.R., Herrenschildt, N. (Eds.), Current Primatology Vol. II: Social Development, Learning and Behaviour. Selected Proceedings of the XIVth Congress of the International Primatological Society. Strasbourg: Université Louis Pasteur, 1994.

JOULIAN, Frédéric. Comparing chimpanzee and early hominid techniques: some contributions to cultural and cognitive questions. In: Mellars P, Gibson K (eds) Modelling the early human mind. McDonald Institute Monographs, Cambridge, pp 173–189, 1996.

KNIGHT, John. *Feeding Mr Monkey: Cross-species Food “Exchange” in Japanese Monkey Parks*. In: Animals in Person: Cultural Perspectives on Human-Animal Intimacy. Edited by John Knight. New York: Berg, 2005.

LATOUR, Bruno. *A Esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC, 2001.

LOBO, Andrea. Parque Nacional de Brasília. Análise sócio-anropológica de um espaço artefactual. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998.

LYNCH ALFARO, Jessica W. *et al.* Explosive Pleistocene range expansion leads to widespread Amazonian sympatry between robust and gracile capuchin monkeys. *Journal of Biogeography*, 2012.

SÁ, Guilherme José da Silva e. 2013. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 244 pp.

SAITO, Carlos Hiroo *et al.* Conflitos entre macacos-prego e visitantes no Parque Nacional de Brasília: possíveis soluções. *Sociedade & Natureza*, 2010.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel; SAUTCHUK, João Miguel M. Enfrentando poetas, perseguindo peixes: Sobre etnografias e engajamentos. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 2014.

SÜSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, p. 159, 27 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145638>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Trad: Thiago Mota Cardodo *et al.* 1. ed. Brasília: IEB mil folhas, 2019.

YAMAMOTO, Maria Emília (Org.); VOLPATO, G. L. (Org.) . *Comportamento Animal*. 1. ed. Natal - RN: Editora da UFRN, 2007. v. 1. 295p

DE WAAL, FRANS. *Eu, primata: por que somos como somos*. Trad: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.